

**O DINHEIRO**  
**BONANÇA e o INTRUSO**



Coelho Netto

COELHO NETTO

(THEATRO V)

# O DINHEIRO

BONANÇA e O INTRUSO



PORTO

Livraria Chardron, de Léo & Irmão,  
editores — Rua das Carmelitas, 144

1917

## DO MESMO AUTOR

Sertão, 1 VOI.....	\$60
A bico de penna, 1 VOI .....	\$70
Agua de Juventa, 1 VOI .....	\$70
Xon\anc2Íro, 1 YOI .....	\$50
Theatro, YOI. 1. °, .....	\$60
Oteatro, YOI. 2. ° .....	\$40
Quebrado (Theatro), VOI .....	\$50
Theatro, YOI. 5. ° .....	\$50
Fabuiario, 1 YOI.....	\$50
jardim das Oliveiras, 1 VOI .....	\$50
€sphynges, 1 YOI .....	\$60
Miragem, romance, 1 VOI .....	\$60
apólogos, 1 vol .....	\$50
Jrverno <small>sm</small> / <small>o</small> .....	\$70
Mysterio do natal, 1 vol .....	\$50
O Morto, 1 vol .....	\$60
Rei Negro .....	\$80
Capital federal .....	\$60
A Conquista.....	\$70
Comervta.....	\$60
Banzo, Ivol.....	\$50
Créva .....	\$70

No prelo, a seguir em novas edições:

O Rei Phantasma .....	1 vol. .
O Paraíso .....	1 vol
O turbilhão.....	1 VOI.

*A propriedade literaria e artistica está garantida em todo; os países que aderiram à Convenção de Berne — (Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei: n. ° 2577 de 17 de janeiro de 1912).*

# O DINHEIRO

PEÇA EM 3 ACTOS

representada pela primeira vez no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, pela Companhia Nacional subvencionada, a 12 de Novembro de 1912

# GREGORIO PORTO DA FONSECA

Meu caro amigo:

Foi com esta pedra arestosa que concorri para a tentativa, que patrocinaste, da reconstrucção do nosso Theatro. Querendo tornal-a valiosa alisei-lhe esta face, onde gravo o teu nome como o de um bemfeitor das letras.

Teu, muito cordialmente,

COELHO NETTO.

Novembro-1912.

## PESSOAS

MAMEDE .....	Snr. Antônio Ramos.
HONORIO .....	*Ferreira de Sousa
LUPERCIO.....	* Álvaro Costa
PAIVA.....	* João Barbosa
BROTAS .....	* Carlos Abreu
RAMIRO .....	* Castello Branco
O COPEIRO.....	* Antônio Sampaio
LÍVIA .....	Snr. <sup>a</sup> Maria Falcão
VENANCIA .....	*Gabriella Montani
EVA .....	*Luiza de Oliveira
ELVIRA .....	* Judith Saldanha
COTINHA.....	*Martha de Souza

Acção no Rio de Janeiro. Actualidade,.

## PRIMEIRO ACTO

*Scena dividida; á direita, jardim; á esquerda, salão communicando, por duas portas, com o jardim. Porta larga ao fundo dando para a sala de musica, onde ha um piano Angelus e, sobre uma mesinha, um appparelho telephonico. Porta á direita, em diagonal. Ltuxo exaggerado, sem gosto. Á tarde.*

### SCENA PRIMEIRA

O copeiro, PAIVA e BROTAS

*Paiva e Brotas entram pelo jardim vagarosamente, conversando. Detém-se á porta do salão. Paiva toca a campainha. O copeiro apparece ao fundo, atravessa a scena dirigindo-se á porta.*

O copeiro

Quem devo annunciar?

*Paiva, rebuscando na carteira:*

Diabo! (A Brotas:) Tens ahi um cartão?  
Esqueço-me sempre estas coisas, Decididamente



não nasci para diplomata. (*Brotas dá-lhe um cartão.*) É isto! Ponho aqui o meu nome e estamos anunciados. Dá cá o lápis. (*Brotas dá-lhe um lapis. Escreve e entrega o cartão ao copeiro, que os convida a entrar, retirando-se pela sala do fundo.*)

## SCENA II

PAIVA e BROTAS

*Os dois demoram-se no jardim observando. Brotas, de braços cruzados, relanceia olhares, sacudindo a cabeça em aceno de admiração.*

**Brotas**

Sim senhor... Só em parasitas...

**Paiva**

Isto é para quem pôde, meu velho. E ainda não viste o melhor. Lá na outra a coisa tem mais *cachet* e grandeza. Aquillo é que é luxo! Mobiliario inglez, Maple, reposteiros de seda, tapetes do Oriente... Um serralho!

**Brotas**

Mas que outra?

**Paiva**

A francesa, pois então? a amante. Tem-na lá em baixo, á mão: rua da Carioca, por cima dum chapeleiro. *Chie* é ali! Come-se maravilhosamen-

te, joga-se á tripa forra. Uma delicia! É o melhor club do Rio. Depois do theatro enche-se, e então é que é! Já lá deixei uns contos de reis, mas ganhei amizades, que me têm servido de muito. Foi lá que conheci o Datnaso do<sup>1</sup> calombo e a Georgina, dois extremos que agora se tocam. Mas o centro é aqui. O varejo é lá em baixo, a casa matriz é esta.

**Brotas**

Mora aqui a familia?

**Paiva**

Sim, a família: a mulher e dois cães. Já a viste ?

**Brotas**

Mostraram-me, uma vez, no corso. Pareceu-me bonita...

**Paiva**

Mulher e tanto! Mas vamos entrar. Está ventando muito aqui fora.

**Brotas**

Não achas melhor esperarmos? Não vá o homem...

**Paiva**

Ora qual! Isto é uma casa de negocio: vai-se entrando. (*Entram.*) Pois é como te digo. Linda estampa! Se tivesse mais linha outra não lhe

punha o pé adiante. É um pouco agua-mórna, desageitada, timida, ou finge-se... para fazer appetite. Ha quem goste de violetas. Cá por mim prefiro o cravo, o cravo vermelho, bem rubro. Dá cá um cigarro.

### **Brotas**

E está rico, hein?

### **Paiva**

Não vês? Também, meu velho, topa a tudo, não perde vasa... e é toma lá, dá cá. Olha as obras do Sergipe? Quem as apanhou? o Canúto. Onde fez a cavação? aqui.

### **Brotas**

E passou-as logo adiante...

### **Paiva**

Por causa das duvidas. Quinhentos maços. Ella comeu a metade. Ella... elle, que é o thesoureiro da firma.

### **Brotas**

E aquillo das villas operarias...?

### **Paiva**

Ainda não sahiu. Ha de vir, mais hoje, mais amanha. (*Admirando um quadro.*) Bem bom! *Rio*, aqui é todos os dias uma novidade. Acaba em museu.

**Brotas**

Fala-se agora em uma estrada de ferro para Goyaz, traçado magnífico, coisa grande!

**Paiva**

Sim, conheço. Quem anda a mexer o caso é o Mendonça.

**Brotas**

O das ferragens...?

**Paiva**

Não, homem. O que foi da Carris Urbanos, um magro, bexigoso...

**Brotas**

Ah! sei...

**Paiva**

Não sahe d'aqui, impondo importancia. Ainda no mez passado deu-lhe um *sautoir* de não sei quantos contos e, volta e meia, é um presente. Encontrei-o, ha dias, examinando um *landaulet* Mercedes. Naturalmente...

**Brotas**

E ella...?

**Paiva**

Qual! Não vê que isto vai assim? Tem tarifa... e alta!

## SCENA III

**Os mesmos e o copeiro O copeiro**, *aparecendo ao fundo:*

O senhor doutor manda pedir um instante... Paiva

Sim, não temos pressa. (*O copeiro retira-se.*)

## SCENA IV

**PAIVA e BROTAS**

**Brotas**

Elle é formado?

**Paiva**

Homem, parece que se arranjou por ahi. Hoje, tu sabes, compram-se cartas como outr'ora compravam-se commendas, até mais barato. Ha doutores de trinta e cinco mil réis. Eu até já andei com a idéia de um Club scientifico, a prestações semanaes de cinco mil réis, com direito á escolha do titulo. Dava dinheiro...!

**Brotas**

Isso dava.

**Paiva**

Elle tem um emprego publico.

**Brotas**

E quanto ganha?

**Paiva**

Offinalmente: seiscentos e pico. Mas só a casa, como vês, não lhe custa menos de setecentos. E a outra então!

**Brotas, *mysteriosamente*:**

E é a mulher?

**Paiva**

Não sei: dizem...

**Brotas**

Deve ser mesmo uma maravilha...!

**Paiva**

É bonita, é. Mas isso de belleza não quer dizer nada. A Ritóca, com aquella vasta enxundia e aquelle buço silvestre, dá as cartas e está subindo como um aeroplano. Mulheres, meu amigo, é para onde as leva: a fortuna.

**Brotas**

Tens razão.

**Paiva**

Verdadeiras bellezas, como a Mimi Vargêdo, andam por ahi no varejo...

**Brotas**

Bella mulher...!

**Paiva**

E uma escanifrada, como a Luzia Baraúna, é o que se vê: automovel, sedas... Sorte.

**Brotas**

Depende de quem as lança.

**Paiva**

Talvez. Esta conheci-a eu em Catumby, no armarinho do pai, o Seraphim dos tocos. Era bonitinha, geitosa, mas namoradeira como nunca vi. Aquillo, á noite, á porta do armarinho, era uma multidão que até parecia a gruta de Lourdes. Esteve de casamento tratado com D. Filgueiras das carroças, mas houve qualquer coisa, porque o homemsinho, a paginas tantas, deu o fora. Foi então que appareceu o Mamede. Era amanuense, tocava piano nos bailes e surrava um costume côr de azeitona. Dizem uns que elle conquistou as boas graças do Seraphim arranjan-do-lhe um negocio que estava encencado no Foro»; dizem outros que elle a raptou. Não sei. Andava, então, pelo Sul. Quando voltei, dois annos depois, já o achei segundo escripturario. Agora é o que vês.

**Brotas**

Entretanto ha quem a defenda: «Que não é o que dizem, que é seria...»

**Paiva**

Seria!?

**Brotas**

Que o marido faz jogo com ella, mas que se lhe não aponta um amante.

**Paiva**

E o Sarmento ? E o Ribas ? E o Castro beijola, e o Ataliba das cebolas...?

**Brotas**

Quem sabe lá! Isto está hoje tão apurado... Ha quem rebusca a virtude em impudor para conseguir os seus fins. Hypocrisia inversa. Quem vai ao matto, meu velho, encontra, ás vezes, uma aguasinha toldada e coberta de folhas, vovejada de insectos. A principio repugna-lhe beber, mas a sede é mais forte do que o nojo. Então afasta o rebalço, sopra na superficie e a agua que lhe apparece é tão fresca e tão pura como a que corre da mais límpida fonte. Quem sabe lá! Quantas conheço eu treinadas neste genero de *sport*. Em Paris são communs: são as apaches do amor.

**Paiva**

É. Pode ser uma ceva.

**Brotas**

Uma ceva, dizes bem.

**Paiva**

Quando estive em Minas conheci um caboclo,



caçador admiravel e ladino como elle só. Um dia acompanhei-o ao matto, a ver a ceva onde elle apanhava as antas. Era uma clareira com um ranchinho de palha. Pendurada d'um ramo havia uma combuca cheia de salmoura. Aquilo pingava, pingava tornando a terra em barreiro, que as antas iam lamber. Enquanto saboreavam cahiam-lhes em cima os pingos da combuca. Era a cilada. De volta ao matto, as outras, dando pelo sal, punham-se a lamber o lombo ás companheiras e, quando as viam tomar rumo, seguiam-nas pelo engodo. Era, então, na ceva uma mortandade! O caboclo, do rancho, com a ca-rabina engatada numa forquilha, fazia fogo seguro, sem perder tiro, e a combuca, lá em cima, alta no ramo, pingando, pingando...

### **Brotas**

Pois é isso...

### **Paiva**

Por mim, como não venho cá pela combuca, que pingue á vontade. Nem que fosse a Venus de Milo! Em negocios só quero o positivo: o cobre.

### **Brotas**

Como eu.

### **Paiva**

Ahi vem o homem... (*Attitudes.*)

**SCENA V**

Os mesmos e MAMEDE

**Mamede**, *entra pelo fundo, encaminhando-se apressadamente para os dois de mãos estendidas:*

Fiz-me esperar muito, não? Estava a terminar uma carta urgente para o Salles. Devem-se ter aborrecido...

**Paiva**

Em tua casa ninguém se aborrece, Mamede. (*Mostrando uma estatua.*) Aquillo é Venus?

**Mamede**, *depois de uma hesitação:*

Sim, é... (*Um momento.*)

**Paiva**

É verdade... (*Apresentando:*) Meu amigo Marcello Brotas, presidente da Industrial. (*A Brotas:*) O Mamede, já conheces...

**Brotas**

Como não?

**Mamede**

O senhor chegou ha pouco da Europa?

**Brotas**

É verdade. Fui a Vichy.

**Paiva**

Vichy é pretexto. Quando lhe dá saudade do

*boulevard* queixa-se do figado e abala. Toma as aguas commodamente na *Abbaye*, faz exercicios no *Moulin-Rouge*, um pouco de regimen no Pré Catelan, e volta lepidó, trazendo sempre uma novidade. A deste anno chama-se Renée, uma lourita normanda, que abusa da cocaína, joga como uma falúa em mar alto e dança o tango na perfeição.

### **Brotas**

Historias.

*Sentam-se, menos Paiva, que percorre a sala admirando os quadros.*

### **Paiva**

Estás com uma collecção admiravel. Tens aqui preciosidades.

### **Mamede**

Sim, alguma coisa. Vai-se devagarinho...

### **Brotas**

E só assim é que se pôde montar uma casa.

### **Paiva**

Sem duvida. Olha o palacete do Bravo, em estylo egypcio, de pilões, como lhe chama o Decio, com esphynges e ogivas gothicas. É um *bric-à-brac* infecto. Não se dá ali dentro um passo sem esbarrar em quinquilharia. Ás vezes, no atabalhão, descobre-se, com surpresa, um mar-

more regular, um bronze de valor, uma porcellana authentica, mas o que domina e atravanca é o rebutalho. (*A Brotas:*) Aquelle admirável Antinoo, não te lembras? está ao lado de um cemiterio feito em cabellos. Também é verdade que aquillo ficou prompto em menos de quatro mezes, para as recepções aos sabbados, com pianola e tango.

### **Mamede**

Coitado! A fortuna surprehendeu-o quando empilhava fardos de xarque e atirou-o no alto mundo sem lhe dar tempo para lavar as mãos. Tresanda á carne secca como um porão de cargueiro. Deu-lhe agora para artista...

### **Brotas**

Essas coisas só se fazem com vagar e paciencia. Homens como o Bravo lembram-me chefes de hordas que saqueiam cidades empilhando nos carroções obras primas e fancarias. O verdadeiro amador namora o objecto, corteja-o, persegue-o até conseguil-o, como se vence um coração pela insistência do amor. As galerias das grandes casas são feitas por gerações, acompanham a tradição das familias, como parte heraldica da mesma nobreza. Um quadro dá nome a uma sala, um marmore impõe-se solitario em um vestibulo enchendo-o de grandeza. A casa do Bravo dá-me a impressão de uma tenda de chefe barbaro...

**Paiva**

Ou de um belchior.

**Brotas**

Aqui onde me vê andei annos atraz de um Corot. Lá o tenho em casa...

**Paiva, a Mamede:**

Has de ir lá jantar um dia. Vale a pena. É um Louvre.

**Brotas**

Oh...!

**Mamede**

Sei que possue maravilhas...

**Brotas**

É uma mania...

**Paiva**

Cara, caríssima! Mas deixem lá, é um consolo. A arte é o encanto da vida. Eu também tenho um fraco por essas ninharias. Na rua, os negocios; em casa um pouco de ideal. A minha paixão é a musica. Tenho agora um piano electrico que é a ultima palavra. Hein, Brotas?

**Brotas**

É.

**Paiva**

É Beethoven, é Chopin, é Wagner, é Grieg...

Uma vez por outra, quando estou de venêta, ofereço-me um *cake-walk*, um maxixe. O maxixe é bem bom, deixem lá.

**Brotas**

Em Paris fez epocha.

**Paiva**

Em Paris? em todo o mundo. Nós é que o depreciamos.

**Mamede**

Porque é nacional.

**Paiva**

Justamente... (*Senta-se muito chegado a Mamede.*) Pois é verdade. Tua senhora bem?

**Mamede**

Felizmente.

**Paiva**

Via-a hontem na Avenida. Achei-a muito bem disposta. E cá o amiguinho?

**Mamede**

Assim. Tu é que estás um turuna! E sempre...?

**Paiva**

Cavando. A vida está difficil: atravessadores aos centos...

**Brotas**

O Rio progride espantosamente.

**Paiva**

Mais uns cinco annos e pega New-York. (*A Mamede:*) Aqui tens os papeis e o contracto. Lê.

**Mamede, a Brotas:**

Com licença. (*Põe-se a ler attentamente.*)  
Está bem.

**Paiva**

Não é isso?

**Mamede**

Sim. Vamos vêr.

**Paiva**

É negocio certo. E está nas tuas mãos.

**Mamede**

Quem me dera! Farei o possivel e se os amigos me quizerem auxiliar... Bem sabes que essas coisas não dependem apenas do ministro, transitam por varias secções e cada chefe, meu velho...

**Paiva**

Ora! Era preciso que eu não te conhecesse. (*Outro tom:*) Agora cá o nosso amigo. Já sabes do que se trata: aquella conta de fornecimentos á Estrada...

**Mamede**

São...?

**Brotas**

Cento e oitenta e cinco contos.

**Mamede**

Tem os papeis?

*Ramiro -atravessa o jardim e pára á porta do  
salão. Campainha no interior.*

**Paiva**

Estão commigo.

**Mamede**

Pois sim...

**Paiva**

Então estamos entendidos, não?

**Mamede**

Perfeitamente. (*Levanta-se.*) Tomam alguma coisa? cerveja, um refresco...?

**Paiva**

Nada... nada...



## SCENA VI

Os mesmos, o copeiro e **RAMIRO**

*O copeiro atravessa a scena attendendo á campainha. Desce com um cartão, entrega-o a Mamede, que faz aborrecidamente um gesto de assentimento. O copeiro introduz Ramiro, que entra muito affectado, de luvas e de monoculo. Adianta-se inclinando-se em zwmbaia servil. Mamede corresponde com superioridade. O copeiro retira-se.*

## SCENA VII

Os mesmos, menos o copetro

**Ramiro**

Sem incommodo, excellentissimo. Eu espero.

**Mamede**

Um momento. Já o attendo. Queira sentar-se.

**Ramiro**

Muito agradecido, excellentissimo. (*Senta-se hieraticamente.*)

**Mamede, a Brotas:**

Vai para Petropolis?

**Brotas**

Não. Petropolis, com as chuvas, está um tremedal. E o Rio, no inverno, é uma delicia.

**Paiva**

Um encanto! Bem, vamos indo. (*A Mamede*)  
Tens que fazer... e nós também.

**Mamede**

Appareoes á noite?

**Paiva**

Hoje... não sei. Vou jantar com este cavalheiro.  
(*A Brotas, de repente:*) E se fôssemos até lá?

**Mamede**

Conversa-se, carteasse um pouco, faz-se  
musica. Roda excellente.

**Brotas**

Pois vamos.

**Mamede**

Então até logo.

**Paiva**

Se não chover.

**Mamede**

Que tem que chova? Fica-se mais á vontade.  
(*Discretamente*) Hoje teremos lá a condessa...

**Paiva**

Homem, queres saber ? acho-a insipida: só  
estampa.

**Mamede**

Estás enganado! Vai lá. (*A Brotas*) Então, até logo. E aqui, sempre ás suas ordens.

**Brotas**

E quando quizer...

**Mamede**

Sim, sim... Hei de lá ir com o Paiva. (*Condul-os á porta.*) Até logo.

**SCENA VIII**

MAMEDE e RAMIRO

**Mamede**, *muito grave*:

Estou ás suas ordens.

**Ramiro**, *de pé*:

Trago uma carta para V. Ex.<sup>a</sup>. (*Entrega-lhe uma carta.*)

**Mamede**, *sentando-se*:

Sente-se. Com licença. (*Depois de lêr a carta:*) Sim senhor... Em que lhe posso servir?

**Ramiro**

A minha excellente amiga D. Arethusa foi generosa, excessivamente generosa nas referencias que fez á minha pessoa humilde. Para dizer verdade, excellentissimo, o que eu quero é sahir

daqui, entrar na diplomacia. Mas sou razoavel, não vou tão longe com a minha ambição como foi D. Arethusa com a sua bondade. Paris não é para mim, por enquanto. Contento-me com um lugarsinho modesto: Londres, Berlim, Vien-na, Bruxellas... por ahi. O que eu quero é entrar na carreira, o resto farei por mim.

**Mamede**, *vagamente*:

Sim.

**Ramiro**

A diplomacia foi sempre o meu sonho. Papai fazia questão de que eu estudasse medicina (*caramunhando*;) mas o cadaver... oh! Nunca pude encarar com um defunto, demais a mais em postas. Mamã queria-me na marinha, para continuar a tradição do meu tio Jucá. Mas enjôo muito, até na barca... imagine em um couraçado, em batalha. O meu sonho foi sempre a diplomacia: a vida nas cortes, as recepções... Não tenho geito para outra coisa. É feitio, destino... Como contrariar-o?

**Mamede**

Sim.

**Ramiro**

Não é verdade? A minha aptidão revelou-se muito cedo, no collegio. Fui um precoce. Em Petropolis, quando acompanhava mamai ás em-

baixadas, mettia-me nos cantos observando os diplomatas: as suas attitudes, os seus gestos, os seus ticos, tomava notas, bebia-lhes as palavras e, em casa, no meu quarto, reproduzia tudo diante do espelho. Pratiquei com um ministro que era o *nec plus ultra* em assumptos diplomaticos: primeiro par de valsa e, para um *cotillon*...!

**Mamede**

E... já fez concurso?

**Ramiro**

Concurso?! Sou bacharel: formei-me no anno passado.

**Mamede**, *depois de pensar*:

Olhe, Dr., para ser franco devo dizer-lhe que não estou em boas relações com o ministro.

**Ramiro**, *desapontado*:

D. Arethusa disse-me justamente o contrario: que V. Ex.<sup>a</sup> era intimo...

**Mamede**

Sim, fui; mas tivemos uma rusga por causa de certa nomeação...

**Ramiro**, *cabisbaixo, escahichando as unhas*:

É o diabo!

**Mamede**

Em todo caso, para cumprir a ordem de D. Arethusa...

**Ramiro**

Grande amiga e admiradora de V. Ex.<sup>a</sup>;

**Mamede**, *continuando*:

...vou dar-lhe uma carta para um amigo, dos mais intimos do ministro.

**Ramiro**, *commovido*:

Não tenho palavras com que agradeça a V. Ex.<sup>a</sup>.

**Mamede**

Um momento. (*Entra á direita.*)

#### SCENA IX

**RAMIRO**, depois o copeiro; em seguida **LÍVIA**,  
**ELVIRA** e **COTÍNHA**

*Ramiro fica um momento imtnovel, como alheiado. Pouco a pouco, porém, percebe-se que lhe entra n'alma a esperança. Levanta-se de golpe, transfigurado, entala o monoculo na orbita, compõe a sobrecasaca, saca dos punhos, rola o pescoço no collarinho alto, e põe-se a passeiar, pimpão, ao longo da sala. Buzina de automovel. Estaca attento, á escuta. Risos no jardim. O copeiro atravessa a scena em direcção á porta. Um momento.*

**Cotinha**

Parecia uma bruxa com aquelle chapéu.  
Quanto mais se enfeita mais feia fica.

**Elvira**

E o tal sujeito do cinema?

**Cotinha**

Fosse commigo!

**Elvira**

A senhora não imagina, D. Livia... (*Apparecem no jardim.*) Ha cada typo...!

**Cotinha**

Aquelle conheço eu: não sahe da Avenida, sempre á porta dum charuteiro, com aquella barriga de entanha. Quando a gente passa vira uns olhos de peixe morto, dizendo bobagens. No carnaval quiz metter-se commigo, todo cheio de partes... mostrei-lhe umas trombas que elle perdeu o geito. Commigo é nove.

**Livia**

Juca está ahi?

**O copeiro**

Está sim, senhora.

**Livia**

A que horas chegou?

**O copeiro**

Ás tres. (*O copeiro retira-se.*)

**SCENA X**

**Os mesmos, menos o copeiro**

**Cotinha**

Ih! mamã, a pluma do seu chapéu está toda esfrangalhada.

**Elvira**

É do automovel.

*Entram. Dando com Ramiro retrahem-se.  
Cotinha contem o riso. Cumprimentos  
cerimoniosos.*

**Livia**

Agora descancem um bocado. Tomam chá?

**Elvira**

Não. É tarde. A senhora precisa descansar: tem hoje espectáculo.

**Livia**

Não, hoje não vamos. *Traviata*, uma opera do tempo do Onça...

**Elvira**

Cotinha toca.

**Cotinha**, *com um momo*:

Muito cacete.

**Livia**, *a Ramiro*:

O senhor espera meu marido?



**Ramiro**, *sumbrido*:

Sim, minha senhora.

Livia

Já lhe falou?

**Ramiro**

Já, minha senhora. É á Ex.<sup>ma</sup> esposa do Dr. Mamede que tenho a honra de falar?

**Livia**

Sim, senhor.

**Ramiro**

Muita honra... Ramiro Verga, criado de V. Ex.

**Elvira**

Vou deixal-a, D. Livia. Augusto já deve estar á minha espera.

**Livia**

Que pressa!

## SCENA XI

**RAMIRO, LÍVIA, ELVIRA, COTINHA e MAMEDE**

*Mamede, ao entrar, dando com as visitas, não dissimula o contrariedade. Elvira perturba-se, Cotinha disfarça.*

**Mamede**

Bôa tarde.

**Elvira**

Bôa tarde, Dr. D. Livia quiz, por força, trazer-nos no automovel. Vamos, Cotinha?

*Cotinha espaça o riso. Elvira faz-lhe um signal reprehensivo.*

**Cotinha, baixo:**

Estou-me lembrando do typo, com aquella cara de brôa.

**Elvira**

O Dr. sempre forte... (*Sorriso condescendente de Mamede. Um momento acanhado.*) Entrego-lhe sua senhora. Com licença... (*A Livia:*) Mais urna vez: obrigada. (*Beijam-se.*)

**Cotinha**

Olhe, D. Livia, não se esqueça da promessa. Faça questão. Dr....

*Cumprimentos. Cotinha sahe contendo o riso. Livia acompanhadas á porta.*

**Cotinha e Elvira, no jardim:**

Adeusinho! (*Desapparecem.*)

**Livia**

Até breve! (*Entra á esquerda.*)

**SCENA XII****MAMEDE e RAMIRO****Mamede**

Aqui tem a carta.

**Rarairo**

Muito e muito obrigado. Não sei para onde me mandarão, mas, onde quer que me installe, a serviço da Patria, pôde V. Ex.<sup>a</sup> contar com um amigo, venerador, criado e obrigado.

**Mamede**

Seja feliz.

**Ramiro**

Respeitosos cumprimentos á sua Ex.<sup>ma</sup> Senhora. (*Lisonjeiro*) É maravilhosa a collecção artistica de V. Ex.<sup>a</sup> Estive apreciando. Também pinto, faço umas coisinhas. Agora estou praticando na photographia. Na minha carreira é uma necessidade: viaja-se muito, vêm-se tantos aspectos, costumes tão interessantes... Ás ordens...

*Retira-se aos recuaços, cumprimentando.*

**SCENA XIII****MAMEDE e o copeiro**

*Mamede faz soar o tympano. O copeiro apparece ao fundo.*

**Mamede**

Não estou em casa...

**O copeiro**

Mesmo para o senhor Frias... ?

**Mamede**

Seja quem fôr.

**O copeiro**

É que elle já esteve aqui e disse que voltava.

**Mamede**

Não estou para ninguém. (*Sahida falsa do copeiro.*)  
Olhe, vem hoje jantar aqui um amigo meu. Veja-me a sala...

**O copeiro**

O aparelho de Sèvres?

**Mamede**

Sim.

**O copeiro**

Baixella ?

**Mamede**

Sim. O centro de prata, o novo.

**O copeiro**

O senhor Dr. encommendou frutas ou devo pedir ?

**Mamede**

Peça. E veja isso, (*O copeiro sahe. Aborre-*

*cido, escarapellando-se, a medir o salão a largos passos:)* Esta minha mulher! Esta minha mulher! Qual! Quem nasceu para dez réis nunca chega a vintém.

## SCENA XIV

MAMEDE e LÍVIA

**Livia**, *sem o chapéu, diz, ainda na saleta:*

Já sei que estás furioso commigo...

**Mamede**

Ah! não, não hei de estar. Que diabo! Livia, por mais que eu te diga... Não sei que apego é esse teu á tal gentinha...

**Livia**

Tenho pena. Vejo-as tão escorraçadas. Aqui ninguém lhes fala...

**Mamede**

E porque?

**Livia**

Ora... porque...

**Mamede**

Achas decente que uma senhora casada, com uma filha moça, viva de portas a dentro com o amante ?

**Livia**

E tens certeza disso?

**Mamede, *surpreso:***

Se tenho certeza... (*Com ironia:*) Francamente... não me faltava mais nada.

**Livia**

Pois eu não acredito', não tenho provas...

**Mamede**

Queres mais provas do que as que ella ostenta? ella e a sirigaita da filha? Então o tringalhadaças do marido, com o que ganha, pôde manter esse luxo...!?

**Livia**

Luxo, coitadas! Fazendo doces para fora, sempre reformando os chapéus, os vestidos...

**Mamede**

É... E automoveis, cinema, Friburgo no verão. Quem paga?

**Livia**

Não sei... nem quero saber.

**Mamede**

O emprego não dá para tanto. Dinheiro não é borracha.

**Livia**

Ora, Jucá... por isso, não. Tu ganhas tanto como elle e gastas como um lord.

**Mamede**

Perdão! eu sou um homem de negocios, tenho o emprego apenas como profissão... official, o que elle me rende nem chega para os charutos. Sou um homem activo, tenho relações, movo-me, sei cavar. E querea comparar-me com um gêbo. Francamente... (*Outro tom:*) Não serve. A gente vale pelas relações que tem. Dize-me com quem andas... É só pelos cinemas, com uns chapéus estapafurdios. Não quero! És tão susceptivel, tão escrupulosa com pessoas de distincção e affrontas a sociedade com esse rancho. Não quero! Colloque-se no seu lugar.

**Livia**

Bom, estou cansada. Chega de moral.

**Mamede**

É, chega de moral, chega de moral...

*Um momento.*

**Livia**

Porque mandaste tirar a baixella? Esperas alguém para jantar?

**Mamede**

O Honorio.

**Livia**

Hoje?

**Mamede**

Sim. (*Um momento.*) E infelizmente um negocio obriga-me a estar na cidade ás 7 horas. Aquelle caso da borracha. Tenho de jantar com o americano. Uma estopada!

**Livia**

E o Honorio! ?

**Mamede**

Que tem?

**Livia**

Que tem! ? Pois eu hei de jantar só com um homem que não conheço...?

**Mamede**, *depois de encaral-a, sorrindo:*

Tu precisas perder esse caipirismo. Os timidos são aleijados que não se movem sem muletas e, neste seculo vertiginoso, os lerdos succumbem e servem de ponte aos activos. E necessario correr na frente, avançando sempre, sem preconceitos nem escrupulos sentimentaes. Temos que viajar e a vida no estrangeiro não é a pasmaceira em que aqui nos atolamos. Olha as americanas: sahem sós, viajam sós. Quem as affronta?

**Livia**

Mas tu sabes que esse Honorio...



**Mamede**

É um tutu, um bicho de sete-cabeças, não?

**Livia**

Não sei se é bicho de sete cabeças, mas o que delle dizem não o recommenda. É um homem que não respeita as senhoras...

**Mamede**

Não respeita as senhoras... Não respeita as que não se fazem respeitar. Se deres ouvidos a tudo que dizem, minha amiga, terás de fechar a porta. Aqui fala-se de toda pessoa em evidencia — se é homem e fez fortuna, é ladrão; se é mulher, e formosa, é isto e aquillo...

**Livia**

Pois sim, mas eu não estou disposta a ser atassalhada pelo mundo. Basta de cartas anony-mas e de insultos ao telephone. E queres que te diga? Já tenho vergonha de passar na Avenida pelos olhares com que me seguem. O sangue sobe-me ao rosto... Fico que só Deus sabe...

**Mamede**

Commetteste alguma falta? Tens amantes? deves? furtas? Pois então deixa olhar quem olha. Tudo inveja.

**Livia**

Inveja de que?

**Mamede**, *confidencialmente*:

Os que encalham, minha velha, não perdoam aos que vão por diante. A agua que pára em pantano torna-se venenosa. Deixa-os lá. Eu vivo no meu tempo. Se, por melindre de virtude e medo da maledicencia, queres cingir-te ao orçamento do meu ordenado, então regressemos aos dias magros de Catumby, á rotula, á cassá, ao brim pardo, á carne seeca e ás relações miúdas. Remergulhemos no obscuro. Faço-te subir á tona, dou-te conforto, luxo, posição e falas, tens escrupulos. E eu?

**Livia**

Tu és homem.

**Mamede**

E tu és mulher. Afinal, em que differe a honra do homem da honra da mulher? Em que? A honra é uma só e a mesma para o homem e para a mulher: um instinto de defesa moral. Para vocês a honra consiste no que ha de mais material na vida. Isso não é honra! Será, quando muito, pudor. Honra é altivez, audácia, iniciativa, instinto heroico. Honrada não é a mulher que se mette em casa, a esburgar os dedos á barrella, a tistar-se ao fogão, a serzir trapos, a catar migalhas para comer. Isso será parvoice, covardia, inercia, honra, não! Nós entramos na vida armados para a lucta: vence-se como se póde, peito a peito ou de tocaia. A questão é vencer.

Honra! Honra! Quem daria pela nossa virtude se nos mettessemos em uma mansarda, a pão e a agua, amando-nos como: Romeu e Julieta? O amor moderno é um pacto entre duas almas, uma combinação de duas forças: concertadas, vencem; isoladas, perdem-se. Sabes o que eu valho, não tenho segredos para ti. Que te peço? que me auxilies. Custa? Preciso de ti, como precisas de mim, eis o caso.

**Livia**

Queres, então, jogar commigo?

**Mamede**

Jogar comtigo?! Se é assim tu também jogas commigo, quando precisas.

**Livia**

Não, Juca... Eu não quero cahir como a Alice, que não tem hoje uma amiga.

**Mamede**

O que ella não tem é um vestido decente, sabes? Viram-lhe as costas, não pelo que ella faz, senão pelo que veste. Se a sociedade fosse generosa amparava-a, agora que a vê decahida; mas não, despreza-a, evita-a. Achasse ella quem lhe reformasse o guarda-vestidos e lhe resgatasse as joias e verias a sociedade abrir-lhe os braços, recebel-a, restituindo-lhe, com ágio, a consideração

que lhe retirou. Não conheces o mundo. Foste criada no fundo de um armarinho.

**Livia**

Entre gente honrada.

**Mamede**

Á antiga. Vens ainda com a moral do tempo dos Affonsinhos. D. João de Castro dava, por caução de divida, um fio de barba e os credores aceitavam o pello com mais confiança do que um banco aceita hoje uma letra com endosso de boas firmas. O Braulio, por exemplo, tem barba para encher um travesseiro; manda-o a um banco com aquillo e duvido que elle arranje um nickel. Uma trança de bom cabello pode ainda dar alguma coisa, mas barba... nem a do mais pintado.

**Livia**

Então se um homem atrever-se a propor-me uma infamia, acenando-me com um lucro...

**Mamede**

Quando comes um fruto engoles o caroço? não. Pois é assim. (*Abraçando-a pela cintura carinhosamente:*) Todos nós temos na vida uma hora de felicidade, se a deixamos fugir, adeus! Aproveitemos a monção. (*Livia sorri.*) De que ris?

**Livia**

De nada; á tôa.

*Venancia apparece no jardim.*

**SCENA XV**

Os mesmos e **VENANCIA** Venancia, á  
*porta:*

Até que enfim!

**Mamede**, á *porta:*

Ainda mais esta!

**Venancia**, *entrando:*

Olhem que para falar com vocês só mesmo assim de surpresa. Bater é tempo perdido. O copeiro está de língua passada e é aquella certeza: «Sahiram...» (*Trocam-se beijos.*)

**Livia**

Não tem razão. Nunca nos negamos á senhora.

**Venancia**

Pois sim. Só na semana passada, duas vezes. Numa dellas você nem teve tempo de esconder-se: Estava lá em cima, de *peignoir*, e quando me viu metteu-se p'ra dentro. A mim é que vocês não embaçam.

**Livia**

E a senhora tem certeza de que era eu ?

**Venancia**

Ora essa! Então eu não te conheço ? Emfim... Como vão vocês? (*Sentando-se:*) Ui! Eu sei que sou cacete, mas é preciso. Mamede, porque é que você não pede ao Prefeito para mandar asfaltar esta rua?

**Mamede**

Já pensei nisso...

**Venancia**

Você, tão cheio de luxos, morando numa rua que é só buracos... E como vamos?

**Livia**

Bem. E a senhora?

**Venancia**

Eu, rolando por aqui. É uma falta de ar...

**Mamede**

D'isso queixam-se todos. Que quer? Todo o ar da cidade é pouco para os pneumaticos dos automoveis.

**Venancia**

Já vem você com as graças. E que tempo! É um chover que não acaba mais. Nem parece que estamos na primavera.

**Mamede**

Pois estamos. A prova é a senhora.

**Venancia**, *a Livia*:

Você agora é só Avenida, theatros, corso... Bôa vida! Aproveita. Faz você muito bem. Eu é que não tenho tempo para essas coisas. Ando agora empenhada numa obra de muita caridade: um asylo para idiotas.

**Mamede**

Deve ser grande como uma cidade.

**Venancia**

Grande... Só se você entrar com o dinheiro. Arranjei uma casinha, lá para os lados da Tijuca e já tenho quatro coitadinhos.

**Mamede**

Amostras...

**Venancia**

Não caçoe, homem. Tenho recebido um rôr de pedidos, mas onde vou eu metter esse mundo? Isso vai devagar. Nunca pensei que houvesse tanto idiota nesta cidade! Ando agora a passar uma conferencia. Tenho promessa de uma partida de *football* e quero vê se consigo realizar um *five o' clock* na Quinta.

**Mamede**

Isso! E ponha-lhe uma dançadinha por cima.

**Venancia**

Mas não imaginas como ando estrompada! E os aborrecimentos: respostas atravessadas, carrancas... Só mesmo muita religião.

**Livia**

É verdade.

**Venancia**

Fui hontem á casa da Chiquinha Dores. Homem, achei aquillo assim não sei como... Parece que as coisas por lá não estão correndo muito para que digamos. Também, com a vida que aquella gente leva: o marido por um lado, a mulher por outro e a pequena com aquelle casamento, que não ata nem desata... Emfim, cada um sabe de si...

**Mamede**

E a Policia de todos.

**Venancia**

Deus, homem.. Deixe-se de heresias. Isto está uma vergonha, só mesmo um novo diluvio.

**Livia**

Deus nos livre!

**Mamede**

Para lavar a terra só mesmo um diluvio, e desta vez com sabão.



**Venancia**

Isto está muito sujo!

**Mamede, ironico:**

Um nojo!

**Livia**

Nem tanto...

**Venancia**

Eu, que ando por ahi, é que sei. Quem viu o Rio e o vê hoje pasma. Nem sei. Emfim... ha de ser o que Deus quizer.

*Mamede vai e vem do salão ao jardim,  
visivelmente contrariado. Livia boceja.*

**Livia**

Que calor!

**Venancia**

Um forno! É chuva que vem por ahi. (*Outro tom:*) Olha, deixo-te vinte bilhetes da conferencia. Se levar a effeito o chá has de ter uma mesa. Tem paciência, Não é só o pagode, é preciso pensar também um pouco nos infelizes. Agora uma coisa: Onde é, por aqui, a casa da Elvira Macedo? É verdade o que dizem delia?

**Livia**

Não sei.

**Venancia**

Pois falam delia com um sujeito... e que o

marido finge que não sabe, até sahe com os dois em automovel. Não é nesta rua que ella mora?

**Livia**

Sim, no 27.

**Venancia**

Estará em casa?

**Livia**

Naturalmente.

**Venancia**

Pois olhe, será um milagre; agora nao sahe da rua, mais a filha. Que pequena enjoada, com aquelles dentes de peixe, as mãos sempre suadas, gingando que nem surrão de tropeiro. Nunca vi! Ha estomagos para tudo. Uma mulher quasi avó, sem dentes, toda pintada. Emfim... Estou nesta lida desde as oito da manhan. Almocei em casa do conselheiro. *(Com um momo:)* Que almoço! *(Outro tom)* Você já soube do caso da Quinota ?

**Livia**

É verdade.

**Venancia**

É para você vêr. Castigo! A peor lingua do Rio de Janeiro. Honesta era ella só. Está ahi. Emfim... Deus que me assista com á sua graça e me mantenha sempre assim,

**Mamede**

Trabalhando para os idiotas. Ha de ter o premio.

**Venancia**

Pois sim! Conheço o mundo. Dia do beneficio, vespera da ingratidão. Não é de hoje que ando mettida nisso, no tempo do Império ajudei muito a princesa. Era moça...

**Mamede**

Teve fama!

**Venancia**

Não diga brincando, que tive mesmo. Então ninguém me virava a cara. Eesta em que eu me mettia era aquella certeza. Hoje! (*outro tom*) Você, Mamede, é que me podia arranjar um auxilio do governo...

**Mamede**

Eu? Coitado de mim!

**Venancia**

Coitado!... E comprando terrenos numa toada. Pensa que não leio? (*Levanta-se.*) Tenho ainda de ir á Copacabana. (*A Livia*) Estamos então combinadas, não é? Se eu arranjar o chá...

**Livia**

Pois sim.

**Venancia**

27, não? a casa da Elvira...

**Livia**

Sim, 27.

**Venancia**

Não vá o sujeito estar lá. Não gosto de encontrar essa gente. (*Beija Livia.*) Adeusinho. Adeus, Mamede. Você está hoje muito enjoado... Que é isto?

**Mamede**

Política.

**Venancia**

Pois sim. Olha lá o meu pedido. (*Á porta.*) A chuva não tarda. Adeusinho.

**Livia**

Adeus, D. Venancia.

*Venancia desaparece no jardim. Mamede faz um gesto de allivio. Livia contem o riso. Venancia reaparece.*

**Venancia**

Livia, minha filha, vê -se eu não deixei por ahi um pacotinho...

**Livia**

Um pacotinho...?

*Mamede e Livia procuram pelos moveis.*

**Mamede**, achando um pacotinho em uma cadeira:

Será isto?

**Venancia**

É. Obrigada. São os bilhetes da conferencia. Adeus, Mamede. Já está chovendo... 27, não?

**Lívia**

Sim.

**Venancia**

Adeusinho. (*Desapparece.*)

## SCENA XVI

MAMEDE e LÍVIA

**Mamede, ironico:**

Isso é que é gente, hein!?

**Livia**

Que havia eu de fazer? Não viste como ella foi entrando?

**Mamede, entre dentes:**

Uma sarna! (*Furioso:*) E que intimidade: Mamede p'ra cá, Mamede p'ra lá.

**Livia**

É uma pobre velha, coitada!

**Mamede**

Ah! Até compromette. Asylo de idiotas... Idiotas são os que cahem com o cobre. Tola não é ella.

**Livia**

Ah! também, Juca... isso é impertinencia de mais.

**Mamede**

Não quero!

**Livia**

P'ra você quem não tem dinheiro é cachorro.

**Mamede**, *depois duma pausa:*

Vamos ao que serve. Desfranze a cara e ouve.

**Livia**

Fala.

**Mamede**

Que dizia eu quando chegou essa andadora?

**Livia**

Já me não lembra.

**Mamede**

Falavamos do jantar.

## SCENA XVII

*Os mesmos e o copeiro*

*O copeiro entra e põe-se a preparar a mesinha para o chá.*

*Mamede passeia preocupado. Livia ouve-o com surpresa.*

**Mamede**

Esse negocio... Também o Honorio é sempre

o homem da ultima hora. Devia ter-me prevenido mais cedo. O resultado é que sou obrigado a faltar aqui para não deixar o outro lá em baixo á minha espera. Tu lhe dirás que eu já estava compromettido quando recebi o seu telegramma. (*Outro tom:*) É um homem interessante, has de gostar d'elle. Fino, bôa prosa. Farei o possível para estar aqui antes das dez. (*O copeiro sahe.*)

### SCENA XVIII

MAMEDE e LÍVIA

**Livia**

Mas que lenga lenga é esta?

**Mamede**

Pois não combinamos? Assim o copeiro fica sabendo que não janto em casa porque tenho negocio importante na cidade.

**Livia**

Olha lá, Mamede. Pensa bem...

**Mamede**

Deixa-te de historias. A nossa fortuna depende da noite de hoje, se a deixamos escapar...  
(*Amotinando-a:*) Olhas-me com uns olhos...

**Livia, timidamente:**

Tenho medo...

**Mamede**

Medo? Medo de que?

**Livia**

Da boca do mundo.

**Mamede**

Ora! A boca do mundo é como a de certos cães: ladra, mas não morde e, atirando-se-lhe um osso, lambe-nos os pés:

**Livia**

E o meu nome?

**Mamede**

Respondo por elle. (*Sorrindo:*) Que mais? (*Insinuante:*) Sabes quando ganhamos, nesse negocio? nunca menos de quinhentos contas.

*Livia encara-o maravilhada, como sob o dominio de uma suggestão.*

**Livia**

E depende delle?

**Mamede**

Exclusivamente.

**Livia**

Mas eu não entendo dessas coisas. Nunca me metti nisso, sou até capaz de atrapalhar tudo.



**Mamede**

Não te preocupes: está tudo feito. (*Acariciando-a:*) A questão agora é pôr-lhe o freio, entendes ? (*Livia faz um gesto de vexame. Um momento.*) Não queres, melhor. Fico. O americano que se arranje.

**Livia**

Eu disse alguma coisa? Tenho vergonha, é natural. Um homem que nunca vi.

**Mamede**

É um *gentleman!* Sabes como sou exigente, não me abro assim com qualquer. Se não o conhecesse, como conheço, está visto que não o convidava para a minha casa. Homem sério, casado, grande prestigio na finança. Has de vêr. Se não fosse o compromisso com o americano... Tudo foi o telegramma ter-me chegado tarde. Dei a minha palavra, o homem espera-me. Não é nada, não é nada, são uns trezentos contos que nos entram em casa.

*Passeia ao longo da sala cabisbaixo, de mãos nos bolsos. Livia acompanha-o com um olhar ingenuo.*

**Livia**

Pois vai. (*Mamede estaca e encara-a.*)

**Mamede**

E tu?

Livia, *com um sorriso de resignação*:

Que hei de fazer ?

## SCENA XIX

Os mesmos e o copeiro

*O copeiro entra trazendo a bandeja com o serviço de chá, uma garrafa de whisky, copo. Deixa sobre a mesa e retira-se. Mamede serve-se de whisky. Livia serve-se de chá, toma um biscoito e detem-se como abstrahida.*

## SCENA XX

MAMEDE e LÍVIA

**Mamede**, *vendo Livia absorta*:

Estás sonhando?

**Livia**

Sonhando, hein!?! Olha, não venhas depois com as tuas scenas de ciúme. Eu não quero aborrecimentos.

**Mamede**, *acariciando-a*;

Tola...

*Bebe, levanta-se, consulta o relógio e faz um gesto de contrariedade.*

## SCENA XXI

**Os mesmos e o copeiro**

*O copeiro entra e mantém-se á distancia, á espera.*

**Mamede**

Seis horas. Vou pedir um auto. E tu? Não te vais vestir? Põe o vestido de rendas, fica-te muito bem.

*Livia conserva-se immovel, o olhar perdido. Mamede vai á saleta. O copeiro desce e põe-se a arrumar a bandeja.*

**O copeiro**, *a Livia, a meia vos, com um sorriso servil:*

Patroa, não se esqueça do meu pedido...

**Livia**, *levanta a cabeça e encara o copeiro:*

Hein ?

**Mamede**, *ao telephone:*

Alô!

**O copeiro**

Aquelle lugarsinho para meu pai...

**Livia**

Ah! sim... Não esqueço.

**Mamede**

8576, central.

*Livia levanta-se, vai e-ncostar-se á porta, olhando o jardim já em sombra. É a garage Paris ? Quem fala é o Dr. Mamede... Mande-me um auto...*

PANNO

## SEGUNDO ACTO

*O mesmo scenario do primeiro acto, á noite, com as lâmpadas accesas.*

### SCENA PRIMEIRA

LÍVIA e EVA

*Livia, trajando rico vestido branco, de rendas, sentada no sofá, em attitude de abandono, folheia distrahidamente uma revista. A physionomia demuda-se-lhe de instante a instante, ora carregando-se de colera, ora abrindo-se em sorriso triste. Arfa-lhe o collo angustiado. Um momento. Eva entra pela esquerda, alviçareira.*

**Eva**

Eu não disse que a pulseira estava lá em cima?

**Livia**

Onde?

**Eva**

No cofre... e bem á vista, na caixa do *soutoir*.  
Nem sei como não se quebrou.

**Livia**

E o leque?

**Eva**

Também lá está, na gavetinha das luvas. A senhora estava nervosa. Tudo ali assim, á mão, debaixo dos olhos, e a gente a mexer, a virar. Eu também não sei que tinha... É assim. Quando uma pessoa vê outra atordoada perde logo a cabeça. Pois olhe, eu não me atrapalho com duas razões.

**Livia**

É... Não sei que tenho hoje...

**Eva**

Ora... que tem... aborreceu-se. (*Ajustando-lhe a pulseira:*) Olhe, minha senhora, isso de homens o melhor é deixal-os em liberdade. A gente é que se amotina: enfesa-se, emmagrece, perde as suas noites de somno. A mim tanto se me dá como se me deu. Encanzinar-me, eu? não vê! Deixar de comer, de dormir, gastar lagrimas com quem as não merece... Pois sim! Cá por mim, se fosse casada, meu marido podia fazer lá fora o que bem quizesse, comtanto que não me faltasse com o necessário em casa. Não falo do patrão. O patrão tem lá os seus interesses, é homem de negócios, precisa estar á testa. Que essas coisas, minha senhora, se as não vigia de perto o olho do dono vão-se que nem fumo.

**Livia**

Que saia! não o prendo. Sahe todas as noites, entra ás tantas, nunca o recriminei. (*Revoltada:*) Mas hoje! Pois eu hei de jantar a sós com um homem que não conheço?! Se tinha de sahir porque o convidou?

**Eva**

Mas a senhora não disse que elle tem negocios lá era baixo?

**Livia**

Todas as noites...?

**Eva**

Pois então? Quanto mais se a senhora fosse casada com um medico. Lá o Dr. Pedroso — e eu entrei poucos dias depois do casamento... (*Risonha:*) a casa ainda cheirava a flores de laranjeira—aquillo era todo o santo dia na rua. Mal jantava, tornava para os doentes. Ás vezes passava as noites fora. E a pobre menina sositiha. Tão linda! Chorava de cortar o coração. Eu, de pena, deitava-me no tapete, aos pés da cama, para fazer-lhe companhia. Quando os deixei — porque partiram para a Europa — a menina era outra. Se o marido sahia á noite, a chamado, ora! ia para a sala tocar piano, recebia visitas e, mal punha a cabeça no travesseiro, *ferrava* que era um gosto. Pois é assim: coração á larga! E as que se casam com officiaes de marinha?

essas, coitadas! ficam que nem viúvas... E não vivem? Deixe lá o patrão. Olhe, bom é elle, isso é.

**Livia**

Ah! sim...

**Eva**

É o que a senhora imagina. Ainda bem não pensou já aqui está o que quer, e do melhor! Fossem todos assim... Que elle ha cada um...! Deixe-o, está a fazer medrar a casa. Nós, mulheres, é porque não entendemos; a nossa vida é outra. Estão dois homens numa conversa á toa. Ouça: É dinheiro que farte! negociatas ou então reviravoltas no paiz. Num baile, como já vi, mette-se um grupo delles cochichando a um canto. Vão-se muito risinhos e, no dia seguinte, está a cidade em alvoroço, tropa na rua, gente a fugir, um horror! Elles lá se entendem. Deixal-os: (*Outro tom:*) Quer mais alguma coisa? Porque não põe a charpa? Olhe que está frio e a senhora, com este vestido leve... Quer?

Não.

Livia

Então é só?

Eva

Só.

Livia

**Eva**

Então vou vêr aquillo lá em cima, que ficou tudo aberto.

**Lívia**

Vai.

*Levantasse arrebatadamente, atravessa o salão e entra á direita.*

**SCENA II****EVA e o copeiro**

*O copeiro apparece ao fundo e, descobrindo Eva, faz-lhe mysteriosamente um aceno interrogativo. Eva responde com um gesto dando a entender que Livia está á esquerda. Olham-se demoradamente. O copeiro dá de hombros com um sorriso velhaco. Em conciliabulo:*

**Eva, com um momo:**

Hum! E tem chorado, rapaz...!

**O copeiro**

Chorado ?!

**Eva**

Desde que subiu para vestir-se. E enfesada, atirando tudo, maldizendo da sorte: «Que isto não é vida. Que é melhor lançal-a, duma vez, á rua.» Sei lá. E quem é o cujo?

**O copeiro**

Não sei.



**Eva**

É a primeira vez que vem cá jantar?

**O copeiro**

Parece.

**Eva**

E o outro... (*Gesto de quem se põe a andar. Riem.*)

**O copeiro**

Tem lá a outra.

**Eva**

A madama?

**O copeiro**

Então...!

**Eva**

E que tal? (*O copeiro arregala os olhos e chuchurreia um beijo nos dedos apinhados.*) É então lá que elle passa as noites? E a pobre de Christo aqui a lastimal-o: (*Imitando:*) «Coitado do Jucá! até esta hora...» Quando chove, isso então é um desespero, fica sem socego, a cirandar pelo quarto escutando<sup>1</sup> o vento. Uma mulher moça, bonita... Olha que é um corpo, rapaz! Parece uma estatua. Por estas e outras é que ha por ahi tanto drama. Eu sempre quero vêr o typo. Isso, com certeza, é algum figurão da alta.

**O copeiro**

Nunca menos de banqueiro.

**Eva**

Podem, *fazem* muito bem. Olha, avisa-me. Vou lá para cima pôr ordem naquillo que está numa bara funda dos meus peccados. Elles fazem-nas e somos nós que as pagamos. Quando forem para a mesa chama-me. Quero só vêr-lhe as fuças. Até loguinho! (*Sahida falsa:*) Olha, lembra-te de mim com algum bocado. O cosinheiro deu para fazer-me pirraças, o parvo.

**O copeiro, lamécha:**

Não te importes: tens-me a mim.

**Eva, pasmada:**

Olhem o mono... Estás a pegar o mal da casa ? Lava-te em ouro e apparece, ouviste ? (*Entra á esquerda, a rir.*)

**SCENA III**

**O copeiro e LÍVIA**

*O copeiro põe em ordem as revistas espalhadas na mesa. Lívia apparece á porta da esquerda, alta. Um momento.*

**Livia**

Accendeste o jardim?

**O copeiro**

Sim, senhora. A patroa não quer vêr a sala?

Livia

Vou já. Olha aquellas flores.

*Entra á esquerda, baixa. O copeiro dá a ultima de mão á sala. Um momento. Buzina de automóvel. Som de campainha electrica no interior. O copeiro sahe apressado para o jardim. Um momento.*

#### SCENA IV

HONORIO, LUPERCIO e o copeiro

*Honorio e Lupercio, rigorosamente trajados, atravessam o jardim precedidos do copeiro, que os faz entrar na saleta, retirando-se em seguida. Depois de um instante Honorio e Lupercio sahem da saleta, onde deixaram os chapéus e os pardessus e entram no salão examinando-o attentamente.*

#### SCENA V

HONORIO e LUPERCIO

Lupercio, *esfregando as mãos:*

Está frio, hein?

**Honorio**

Humido. O nosso frio dá-me sempre a sensação aborrecida de roupa molhada. Sinto-me mal. (*Sentando-se:*) Mas que te parece esta historia ?

**Lupercio**

Que historia?

**Honorio**

Isso do marido. (*Lupercio dá de hombros*)

*Consultando o relógio:)* Sete horas. *(Sorrindo:)*  
Êstá-me cheirando a romance.

**Lupercio**

Ou a fita de cinema. Quem sabe lá... Talvez jogo, algum pato que lhe cahiu nas unhas e que está sendo depennado devagar. D'ahi... *(Encaram-se com um olhar de intelligencia, e sorriem.)* Ficas?

**Honorio**

Depende. E tu?

**Lupercio**

Eu ? piro-me. Não estou no programrna e não quero ser importuno aos... tres.

**Honorio**

Nada de juizos temerários. O homem póde ter lá as suas razões, talvez até virtuosas. Tudo é possível.

**Lupercio**

Sim, isso é.

**Honorio**

Já agora... *J'y suis, j'y reste.* *(Relanceando um olhar pelo salão.)* Tem ar...

**Lupercio**

Sim, mas frio. Pede sobretudo o cognac.

**Honorio**, *com um gesto allusivo a Livia:*  
Conheces ?

**Lupercio**  
De vista. (*Offerece cigarros.*)

**Honorio**  
Não. Estás fumando demais.

**Lupercio**  
Que hei de fazer? (*Accende um cigarro.*) Encho assim o vasio das horas. O fumo, como a poesia, occupa sem tomar espaço. Demais, meu amigo, sou, tanto quanto possivel, fiel aos vícios que me têm acompanhado na vida. De muitos já me apartei, com saudade —de uns, por compostura; de outros, por hygiene. Restam-me apenas dois e peço a Deus que m'os conserve até a minha ultima hora: o amor e o cigarro.

**Honorio**  
Ambos ephemeros.

**Lupercio**  
E venenosos, como todos os paraísos artificiaes. (*Consultando o relógio:*) Oh! diabo... Vou deixar-te. Estás em casa e eu tenho ainda uns kilometros de charneca.

**Honorio**  
Onde vais?

**Lupercio**

Á minha aventura: jantar com o Maia.

**Honorio**

De casaca?!

**Lupercio**

Hoje é festa. Madame faz annos. Mais um recuo. No armo passado bebemos aos seus 36, é natural que, este anno, bebamos aos seus trinta e cinco. A Chronologia, com relação ás mulheres, imita a do paganismo, com<sup>1</sup> relação a Christo — que diminuía á medida que avançava. (*Outro tom:*) Vou encontrar a Eugenia, que está um esplendor. Reviçou com o casamento. Mas (caso curioso!) transformou-se...! Está uma matrona, vivendo exclusivamente para o marido, que é um insipido guarda-livros, e para o filho, que é um cretino de oito kilos balordos.

**Honorio**

Esqueceu-te...?

**Lupercio**

Evita-me, o que é mais. Uma vez, só porque me sentei perto delia e, pelo habito, meus pés procuraram os seus, levantou-se de repellão, lançando-me uns olhos ferozes. Aquelles olhos que eu tanta vez abotoei com beijos.

**Honorio**

Estás lyrico.

**Lupercio**

Mulheres... o diabo que as entenda. Quem diria que uma creatura como aquella, que promettia tanto, havia de degenerar em virtude domestica.

**Honorio**

Mysterio. (*Movimento de attenção. Baixo:*)  
Será ella?!

*Eva apparece ao fundo, lança um rapido olhar á scena e disfarça procurando alguma coisa sobre a mesa. Retira-se com uma revista.*

**Lupercio, baixo :**

Patrulha em reconhecimento. Não tarda ahi a força.

**Honorio**

Para taes ataques estou sempre prompto.

**Lupercio, com malícia:**

Acredito.

**SCENA VI**

**Os mesmos e LÍVIA**

*Livia apparece na sala, timida. Os dois homens inclinam-se respeitosamente.*

**Livia, em duvida:**

O snr. Dr. Honorio...?

**Honorio**, *adiantando-se*:

Criado de V. Ex.<sup>a</sup> (*Livia estende-lhe a mão, que elle beija. Apresentando:*) Meu amigo Lupercio Stenio. (*Mesmo jogo. Livia convida-os a sentarem-se. Um momento:*) Mamede não está?

**Livia**

Sahiu ha pouco. O seu telegramma só lhe foi entregue ás cinco-horas.

**Honorio**

Mandei-o passar ás duas.

**Livia**

Pois estávamos tomando chá quando o recebemos. Mamede ficou contrariadissimo, não imagina! Mas compromettera-se a jantar na cidade com um americano e, sem tempo de prevenil-o, pediu-me que o desculpasse.

**Honorio**

A culpa é minha, minha senhora, que me fiei no telegrapho. Até com V. Ex.<sup>a</sup> fui de uma incorrecção imperdoavel... Não se invade assim uma casa...

**Lupercio**

E pela sala de jantar. É de barbaro. (*Sorriem.*)



**Livia**

Oh! não... Os amigos são sempre bem-vindos. Meu marido, ultimamente, pouco pára em casa: é tanta coisa — negocios, politica... É para um lado, para outro—conferências, reuniões, assembléas, que sei eu!

**Honorio**

Os negocios tomam-nos a vida. As senhoras é que não comprehendem essas coisas, nem as perdoam.

**Livia**

Eu, não. Já estou habituada. (*Um momento.*)

**Honorio**

V. Ex.<sup>a</sup> não se lembra de mim...

**Livia**

Tenho uma idéia vaga de o ter visto...

**Honorio**

No Club dos Diarios, em uma *matinée* infantil.

**Livia**

É verdade! O senhor levava uma linda criança loura...

**Honorio**

O meu caçula. (*Um momento.*)

**Livia, a Lupercio:**

O senhor é que, se não me engano, já esteve aqui...

**Lupercio**

Não, minha senhora. É a primeira vez que tenho o prazer e a honra de falar a V. Ex.<sup>a</sup> que, aliás, conhecia muito de nome, pelas justas referencias que lhe são feitas na sociedade elegante.

**Livia, insistindo:**

O senhor não esteve aqui no anniversario de Mamede ?

**Lupercio**

Não, minha senhora.

**Livia**

Pois eu seria capaz de jurar...

**Honorio, consultando o relógio, a Lupercio:**

Vamos ?

**Livia**

Como?! Retirarem-se? Porque?

**Honorio**

V. Ex...

**Livia**

Não... Esperava-os e, já agora, não os deixarei sahir...

**Honorio**, *inclinando-se*:

Bondade, minha senhora...

**Lupercio**

Eu, infelizmente, não me posso submeter á doce imposição. Tenho de retirar-me. Vim apenas acompanhar Honorio, dizer um adeus a Mamede... Esperam-me.

#### SCENA VII

**Os mesmos e o copeiro**

*O copeiro entra com um serviço de aperitivos*

**O copeiro**, *a Honorio*:

Frances ou italiano?

**Livia**, *a Lupercio*:

Então não janta connosco?

**Honorio**, *offerecendo vermouth a Livia*:

Minha senhora...

**Livia**

Obrigada. Não bebo.

**Honorio**, *ao copeiro*:

Frances.

**Lupercio**

Não posso, minha senhora. (*Ao copeiro*.)  
Uma gotta apenas. Italiano.

**Livia**

Quem sabe se prefere cognao?

**Lupercio**

Não, senhora. (*Prova o vermouth:*) Tenho vim jantar d'anniversario. A senhora do Emygdio Maia. V. Ex.<sup>a</sup> deve conhecel-o. É muito do Mamede.

**Livia**

Não é um que mora no Leme?

**Lupercio**

Não, senhora: Humaytá.

**Honorio**

V. Ex.<sup>a</sup> refere-se ao Maia Cerejo, casado com uma senhora loura...

**Lupercio, surprehendido:**

Loura!

**Honorio**

Sim, voltou loura da Europa.

**Lupercio**

Ah! bem...

**Livia**

Muito interessante...

*O copeiro retira-se.*

## SCENA VIII

Os mesmos, menos o copelro

**Lupercio**

Se me dá licença.,.

**Livia**

Emfim... se está comprometido...

**Lupercio**

Até a fazer um brinde, minha senhora.  
(*Sorrisos. Vai á saleta.*)

**Honorio**

Sempre estroina.

**Livia**

Parece muito alegre.

**Honorio**

Faz da vida uma farça.

**Livia**

Casado ?

**Honorio**, *com affectada gravidade:*

Não, senhora. (*Sorri maliciosamente.*) Tem *habeas-corporis*, diz elle.

**Livia**

Ah!

*Lupercio desce de pardessus, com a cartola e a bengala.*

**Lupercio, a Livia:**

Retiro-me desolado.

**Livia**

Pois quando quizer...

**Lupercio**

Uma visita a Mamede. (*Beija-lhe a mão. A Honório:*) Queres alguma coisa?

**Honório**

Manda-me o automovel cedo.

**Lupercio**

Ah! sim... logo. (*Cumprimentos. Os dois acompanham-no até a porta:*) Sem mais incommodo...

## SCENA IX

HONÓRIO e LÍVIA

**Honório**

V. Ex.<sup>a</sup> toca?

**Livia**

Pouco. (*Referindo-se ao piano:*) É um Angelus. Hoje em dia não vale a pena aprender... (*Buzina de automovel distanciando-se:*) Com os pianos mechanicos, que nos dão um repertorio de escolha, com a interpretação dos mais notaveis

virtuosos, fazemos tristissima figura com os nossos *pois-pourris...*

**Honorio**

Perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup>, mas discordo. Prefiro um artista mediocre á mais apurada machina de musica. Só o diamante pule o diamante. Para interpretar e transmittir o sentimento de uma alma, só outra alma. Nunca um piano mechanico nos dará a suave melancolia de Chopin. O phonographo, por exemplo, detém a palavra, mas não lhe conserva a expressão: a espiritualidade evola-se. Musica é poesia em sons, pede interprete e não manivella. Detesto taes reservatorios. Lembram-me sarcophagos, encerrando despojos, nada mais: sons mortos, sem alma.

**Livia**

Mas no isolamento distrabem. Quando estou só, o que me acontece quasi todas as noites...

**Honorio**

Como?

**Livia**

Mamede sahe sempre depois do jantar... quando vem jantar... (*Um momento.*)

**Honorio**

Que quer, minha senhora? os homens de ne-

gocio devem estar sempre attentos. A Fortuna é amante voluvel e, se a perdemos de vista...

**Livia**

Amante, diz bem...

**Honorio**

A unica da qual não têm ciume as senhoras.

**Livia**

Della propriamente, não. (*Sorrindo:*) Mas a Fortuna tem sequito e, não raro, os homens deixam-se seduzir por alguma das suas damas...

**Honorio**

Trahindo duas vezes — a Fortuna...

**Livia**

Não, essa é indifferente, até protege, facilita o amor; mas a esposa...

**Honorio**

Como nos julga com injustiça! As senhoras vêem-nos sempre atravez do ciúme, lente que augmenta e desfigura. Um simples olhar, sem intenção, rapido e vago, basta para provocar suspeitas.

**Livia, sorrindo:**

Os senhores defendem-se...



**Honorio**, *mesmo jogo*:

Quando nos accusam.

**Livia**

Aposto que a sua senhora...?

**Honorio**

Não. A prova é que vivemos longe um do outro.

**Livia**, *surprehendida*:

Não está aqui?!

**Honorio**

Está na Suíça, acompanhando os filhos.

**Livia**

Quantos ?

**Honorio**

Quatro: tres rapazes e uma menina.

**Livia**

Com o lourinho?

**Honorio**

Sim, senhora.

**Livia**

Desse é que o senhor deve ter mais saudade.

**Honorio**

De todos, igualmente. Esse, emfim, por ser o

menorsinho, parece estar mais agarrado ao coração.

**Livia**

E o senhor aqui...

**Honorio**

Sempre só, ou... na companhia de um sonho...

**Livia**

E não vai vê-los?

**Honorio**

Todos os annos. Passo com elles um mez ou dois e torno para os negocios. Sou o dinheiro, minha senhora; preciso circular, agitar-me. Capital parado, é capital morto.

**Livia**, *num suspiro*:

O dinheiro! (*Um momento.*)

**Honorio**

Não tem filhos? (*Aceno negativo de Livia.*) Um filho é necessario. É a demonstração viva da perfeita alliança conjugai. O amor pôde traduzir-se em palavras, em actos fugitivos, mas só se manifesta realmente quando uma vida o reflecte. O filho é como o ponto de intercessão de duas almas. Garanto a V. Ex.<sup>a</sup> que se aqui houvesse um pequerrucho, Mamede...

**Livia**

Qual! Meu marido é um indifferente.

**Honorio**

Como indifferente?! Adora V. Ex.!

**Livia**

Acha?

**Honorio**

Affirmo!

**Livia**

Os senhores defendem-se uns aos outros. É a tactica da reciprocidade. Fazem bem.

**Honorio, sorrindo:**

É o nosso dever. O contrario seria traição.

**Livia**

Confessa...?

**Honorio**

Como confesso? O que? (*Sorrindo:*) V. Ex.<sup>a</sup> arma-me ciladas... Mamede é um santo!

**Livia**

Que nunca está no seu altar.

**Honorio**

É que anda a fazer milagres lá fora, para

gloria da sua igreja. (*Um momento.*) Não seja injusta. Olhos lindos, como os de V. Ex.<sup>a</sup>, devem vêr tudo claro e suave. Receia adversarias?

**Livia**

Porque não?

**Honorio**

Joven, formosa, com todos os encantos de um espirito brilhante... Oh! minha senhora, por quem é, faça justiça a si e a seu marido...

**Livia**

É muito amavel.

**Honorio**

Prezo-me de ser homem de gosto e sincero. (*Outro tom:*) O mal da mulher é o idealismo: quer o amor sonho, não como elle é e deve ser na vida. Espera-o á noite, na luz do luar, ao som do canto do rouxinol e das endechas da serenata. Quer o amor aventureso, escalando muralhas, subindo por escadas de seda, affrontando perigos mortaes, com o punhal á cinta e o bandolim á ilharga. Romantismo. Passou. O amor, hoje em dia...

**Livia**

O amor é invariavel: é e ha de ser sempre o mesmo amor. Que importa o combustivel ? o lume é o mesmo: brilha e queima.

**Honorio**

Sim, de accordo. Mas cada combustivel tem o seu tempo. Hoje é o fio... de platina. Até das igrejas vão desapparecendo a cera e o oleo substituídos pela electricidade. Julieta hoje seria ridicula...

**Livia**

Ridicula!

**Honorio**

Sim, minha senhora. E Romeu muito mais.

**Livia**

É cruel com o amor. Deve ter tido muitas desillusões...

**Honorio**

Muitas! (*Encarando-a com intenção*) Hoje mesmo... quem sabe?! E a vida é isto: um debater na illusão aferrado á Esperança. A mulher... tudo é nella sonho, puro sonho. Se eu falasse a linguagem límpida e franca da verdade, sem atavios lyricos, seria tomado por atrevido. Entretanto, se me aproximasse mui de passo, como Zanetto, acompanhando á guitarra um canto mavioso... quem sabe?! A poesia é um philtro magico; a musica magnetisa e o amor deriva arrastado no som como a flor no fio da corrente.

**Livia**, *depois dum momento*:

Nem sempre...

**Honorio**

Oh! sempre! E porque o que se rebuça na estrophe, que é o mesmo que se murmura em palavras communs, não melindra e a clara verdade offende? Porque?

**Livia**

Faz a pergunta a mim?

**Honorio**

Se permite...

**Livia**

Porque... (*Um momento. Sorrindo:*) Não sei.

**Honorio**

Porque a alma da mulher é feita de sonho, e quer sonho. A Poesia é que a domina.

**Livia**

Poesia... Diga antes: ternura. A mulher... vence-se com o carinho.

**Honorio**

De accordo. (*Outro tom:*) Compreendo que uma mulher isolada, preterida por um interesse qualquer, revolte-se: primeiro contra o abandono, depois, por despeito, contra a preterição...

**Livia**

E não é natural e justo?

**Honorio**

Sim, é.

**Livia**

Dizem que a mulher é um enyigma.

**Honorio**

Que Edipo não teria resolvido se a Esphyngue lh'o houvesse proposto.

**Livia**

Pois engana-se. A alma da mulher reflecte-se-lhe nos olhos. Tudo está em saber vê-la.

**Honorio**

Entretanto ninguém se gaba de a ter visto.

**Livia**

Falou em abandono, em preterição por interesse... E quando esse interesse é outra mulher?

**Honorio**

Ahi vem o ciume...

**Livia**

É a claridade do amor...

**Honorio**

Claridade? diga antes: fumo. E a senhora é ciumenta ?

**Livia**

Sou mulher.

**Honorio**

Não basta. Para ter ciume é necessario que tenha motivos.

**Livia**

E tenho-os.

**Honorio**

Na imaginação.

**Livia**

Em factos. (*Encaram-se.*) O senhor é também homem de negocios.

**Honorio**

Infelizmente! Quizera ser poeta.

**Livia**

Têm-nos e mais importantes do que os do meu marido. (*Movimento modesto de Honorio.*)  
Entretanto, á noite... É verdade que está só...

**Honorio**

Por isso mesmo encerro-me: a casa recorda-me a familia, refugio-me na saudade. Concentrar-me-ia no amor, se o tivesse. Sorri? Não



crê? (*Um momento.*) A primeira vez que vi V. Ex...

**Livia**

Nos *Diarios*.

**Honorio**

Não: antes d'isso. Foi... Veja se se lembra...

**Livia**

Não, não me lembra...

**Honorio**

É natural. Eu era um homem que passava.

**Livia, curiosa:**

Onde foi?

**Honorio**

A bordo do *Asturias*. V. Ex.<sup>a</sup> fora acompanhar uma amiga.

**Livia**

Ah! sim... a Clotilde Regoa. Foi em Maio, não?

**Honorio**

Justamente. (*Um momento.*) Quando eu digo que não vivo só... A companhia, na minha solidão, desde aquella manhan feliz... (*Outro tom:*) Li algures que um galé tomou-se de amores por um raio de sol que lhe entrava no carcere. Vivia com elle, falava-lhe, beijava-o na terra e, quando

as horas o levavam, o misero estendia-se para dormir, abreviando no somno o tempo que o separava da manhan. Desde que acordava iam-se-lhe os olhos para a fresta onde devia brilhar o seu amor. (*Um momento:*) Eu tenho também o meu raio de sol...

**Livia**, *com intenção:*

No seu palacete... *Um momento. Livia perturba-se e evita o olhar de Honorio.*

**Honorio**

Sei que vão viajar.

**Livia**

Quem lhe disse?

**Honorio**

Mamede. Querem partir em Abril. Iremos juntos.

**Livia**

Também vai?

**Honorio**

Sim, senhora.

**Livia**

Saudades...

**Honorio**

Saudades!

**Livia**

É... mas não sei se partiremos. Essa viagem

tem sido marcada tantas vezes, vem sempre uma coisa, outra... Sei lá...!

**Honorio**

É que a senhora ainda não se resolveu.

**Livia**

Se dependesse de mim...

**Honorio**

E de quem depende ?

**Livia**

D'elle, naturalmente.

**Honorio**

D'elle...! E é elle que não tem querido?

**Livia**

Não tem podido.

**Honorio**

Ha de poder agora.

**Livia**

Porque ?

**Honorio**

Porque V. Ex.<sup>a</sup> quer.

**Livia**

Eu?

**Honorio**

Sim.

**Livia**

Engana-se. O mundo não me interessa. Tendo paz vivo bem em qualquer parte. Sou indiferente a tudo.

**Honorio**

Menos a seu marido.

**Livia**

Porque diz isto?

**Honorio**

Porque sei que pensa em afastal-o d'aqui.

**Livia**

Afastal-o daqui...! Porque? Estará elle compromettido? Se está, juro-lhe que ignoro.

**Honorio**

Compromettido... não digo...

**Livia**

Então?

**Honorio**

Então...

**Livia, suspeitosa:**

O senhor occulta-me alguma coisa...

**Honorio**

Não, não occulto nem. poderia occultar o que todos sabem...

**Livia**

Menos eu.

**Honorio**

Oh!

**Livia**

Affirmo-lhe!

**Honorio**

Mamede não tem, nem deve ter segredos para V. Ex...

**Livia**

Quem sabe...!

**Honorio**

Não tem. Tão certo estou do que digo que vou falar desassombradamente, como falaria, se elle aqui estivesse. O que vou dizer a V. Ex.<sup>a</sup> diariamente lh'o repito, a elle. (*Outro tom:*) Mas vamos ao que interessa. O seu negocio será resolvido no sabbado.

**Livia**

Depois d'amanhan?

**Honorio**

Ou antes, se V. Ex.<sup>a</sup> ordenar.

**Livia**

Eu?

**Honorio**

Sim.

**Livia**

Negocios, quem os resolve é meu marido.

**Honorio**, *com uma ponta de ironia*:

Seu marido... (*Outro tom*:) Vou, eu próprio, remover todas as difficuldades para que não mais se adie essa viagem necessaria...

**Livia**, *visivelmente preocupada*:

Mas o senhor disse que não se cança de lhe repetir... o que? isto?

**Honorio**

O que sempre lhe repito, minha senhora: que deve ser mais cauteloso, menos perdulario. Nem todos os negocios, ainda que bem encaminhados, alcançam exito facil como este alcançou: uns abortam, outros são atravessados por interesses contrarios... Este, não. Lançado opportunamente seguiu seu caminho sem difficuldade. O resultado é certo — nunca menos de trezentos contos. Ora, Mamede vive no torvelinho das grandezas, delira; ainda não comprehendeu o valor do dinheiro. A relativa facilidade com que o adquire fal-o prodigo. Dissipa a mãos largas, com todos, com tudo sem lembrar-se de que a

Fortuna, sendo feminina, é volúvel. Trezentos contos em suas mãos serão palha para uma esplendida fogueira de momentos; nas mãos de quem os saiba aplicar serão lume para toda a vida e aumentarão com: o tempo. Mamede esbanja...

**Lívia**

É verdade.

**Honorio**

O jogo, como distracção...

**Livia, num espanto:**

Jogo! E meu marido joga!?

**Honorio**

Mas...

**Livia, insistindo:**

Mamede joga?!

**Honorio, conciliatório:**

Mas o jogo não é crime, nem vergonha. Eu jogo, minha senhora. (*Com arrependimento:*) Se eu pudesse imaginar que incommodava V. Ex.<sup>a</sup>...

**Livia**

Foi uma pergunta apenas. Mas fale...

**Honorio**

Não, já me excedi, fui indiscreto. (*Calmo, pausando as palavras:*) Erros d'homem, minha senhora, castigam-se com o perdão. Quem os não

tem ? A sociedade, que nos accusa e condemna, e a principal culpada das nossas faltas. O convívio mundano, as relações que se estreitam a uma mesa de chá e que se esquecem horas depois...

**Livia**

O senhor quer dizer...!

**Honorio**

O que?

**Livia**

Que meu marido tem uma amante.

**Honorio**

Mas eu não disse tal...

**Livia**

Sim, não disse... nem coisas taes se dizem: insinuam-se.

**Honorio**

Mas que insinuei eu ? Perdôe-me V. Ex.<sup>a</sup>, mas está a vêr fantasmas á luz do sol.

**Livia**

Fantasmas, diz o senhor... Para aclarar a sombra em que tenho vivido nem era preciso a luz do sol a que allude. Para que se veja o abysmo basta o fulgor de um relampago, e o senhor, fixando o clarão, alumiu demoradamente e largo. (*Em agitação crescente:*) Eis ahi! São os seus negocios nocturnos, são as suas preocupações,



são os seus maus humores, são as suas palavras perdidas, que eu bem as ouço, á noite, ainda que as não oomprenha. Bem me parecia! (*Acabrunhada; em soliloquio:*) É, então, para a amante que elle trabalha. É por ella que se lança allucinadamente no turbilhão dos negócios. É para sustental-a, pagar-lhe o luxo, attender-lhe aos caprichos que...

**Honorio**

Mas pelo amor de Deus, minha senhora... Onde descobriu V. Ex.<sup>a</sup> nas minhas palavras vestigio de mulher...?

**Livia**

Onde?

**Honorio**

Sempre e sempre a suspeita... Repito: a unica falta de Mamede, e essa gravíssima, é a dissipação. Não gasta com amantes, como V. Ex.<sup>a</sup> imagina: atira o dinheiro á rebatinha, num alardo de grandezas, o que faz com que ande sempre rodeado de exploradores, que o seguem ávidos, como os tubarões vorazes acompanham os navios, á espera do que cahe no mar. Não digo que no cardume não entrem mulheres; mulheres, minha senhora, amantes, não.

**Livia**

Ah! não.

**Honorio**

Garanto.

**Livia**

O senhor não pôde garantir. (*O copeiro apparece ao fundo. Nervosa:.*) Que é?

### SCENA X

Os mesmos e o copeiro

**O copeiro**

Vinha saber...

**Livia**

Póde servir; póde! (*O copeiro retira-se.*)

### SCENA XI

HONORIO e LIVIA

**Honorio**

Quer um traço do seu marido? Ha dias entrou-me no escriptorio alegre com o resultado de um desses imprevistos golpes de Bolsa, era que é destro e feliz, que lhe deixara alguns contos de réis. Justamente eu ultimava um negocio, que reputo o melhor e de mais futuro dos que tenho actualmente em mãos. Propuz associar-o nelle demonstrando-lhe as vantagens, os grandes lucros certos da empresa que será, em breve tempo, uma das mais ricas explorações ferroviarias da America do Sul. Recusou, já com a allucinação do

esbanjamento. Sahimos juntos e, como eu tinha de ir ao Rezende, onde dera encontro a um amigo, elle acompanhou-me até lá. Falava com volubilidade febril e, mal entrou na loja, foi logo-para as vitrinas e o seu pensamento que, até certo ponto, torna o seu estroinismo sympathico, não teve outro fito senão justamente aquella que o julga com tanta injustiça, Emquanto conversei esteve elle a examinar joias: pulseiras, aneis, adereços, decidindo-se, finalmente, por um collar de pérolas, que reconheço no que V. Ex.<sup>a</sup> traz...

*Livia, segurando nervosamente o collar:*

Este!

**Honorio**

Sim, senhora...

*Livia, de olhos lampejantes:*

Quando foi isso?

*Honorio, procurando lembrar-se:*

Foi... na quinta-feira passada.

**Livia**

Na quinta-feira passada... (*Encarada em Honorio* :) E quanto custou ?

**Honorio**

Dezoito contos.

*Livia, repetindo como um echo:*

Dezoito contos... (*Vivamente:*) E tem certeza de que foi este ?

**Honorio**

Se o vi comprar... A prova é que...

*Livia, dum jacto, em voe silvante:*

A prova é que elle tem uma amante!

*Honorio, com simulado espanto:*

Uma amante...!

**Livia**

Sim! (*Agarrando o collar, encarada em Honorio:*) Este, este aqui tenho-o desde solteira, trouxe-o commigo, comprei-o eu mesma. É falso !

**Honorio**

Falso...! Não é possivel...

**Livia**

Sim, falso! Não tenho outro, nunca tive! (*Abatida:*) Ahi tem o senhor. (*Como apiedada de si:*) Dezoito contos! É ou não para a amante? E para ella é tudo: O tempo, o dinheiro, os carinhos, a vida toda, tudo! Eu sirvo apenas para... (*Desata em pranto com a cabeça nas mãos.*) Dezoito contos! (*Seccam-se-lhe repentinamente as lagrimas. De cabeça erguida, olhos em fogo:*) Só de pensar nisso toda eu vibro, saltam-me as

lagrimas dos olhos... E elle? (*Rictus sarcastico.*) nem se importa oommigo. Sabe que o senhor está aqui e... (*Encolhe os hombros com desprezo.*)

**Honorio**

Mas, minha senhora...

**Livia**

O que elle quer é dinheiro, venha como vier, para gastar com a outra. Que lhe importa o mais ? Tenha a carteira cheia...

**Honorio**

Mas ouça. Deve haver em tudo isto um equivoco. Quem sabe!?

**Livia**

Equivoco ?!

**Honorio**

As apparencias illudem. Não o accuse sem provas,

**Livia**

Sem provas? (*Riso nervoso.*) E quer mais? Pois não bastam?

**Honorio**

Mas pelo amor de Deus... não me tome V. Ex.<sup>a</sup> por intrigante.

**Livia**

Não, o senhor não sabia, não podia saber o

que se passa em minha casa. Conhece o homem, não conhece o esposo. Acredito até que ignore que elle tem uma amante.

**Honorio**

Juro-lhe, minha senhora...

**Livia**

Não precisa jurar, acredito. A amante, essa sim, essa ella esconde dos amigos, agora a mulher... (*Gesto de quem lança de si uma coisa desprezível.*) Acredito. (*Nervosa, agarrando o collar:*) Este é do meu tempo de solteira, trouxe-o commigo. (*Num movimento mais vivo rebenta o collar; as pérolas espalham-se, ficam-lhe algumas nas mãos. Contemplando-as enternecida, com lagrimas:*) Dezoito contos!

*Desata em pranto. Honorio senta-se-lhe ao lado, toma-lhe uma das mãos e afaga-a carinhosamente.*

**Honorio**, com meiguice voluptuosa:

Não chore...

**Livia**

Afinal que sou eu para meu marido?

**Honorio**, carinhosamente:

Acalme-se. Quem sabe?! O que me incommoda é haver sido o causador involuntario.....

### Livia

O senhor não tem culpa. Eu já desconfiava e havia de saber, mais hoje, mais amanha. Foi melhor assim... Foi melhor... (*As lagrimas rebentam-lhe em jorro.*)

### Honorio

Mas ouça... A senhora não está só... Então?

*Hesita um momento. Súbito, d'arranque, toma-a nos braços imprimindo-lhe um beijo na boca. Colhida de surpresa, Livia debate-se, repulsa-o e, de pé, olhos em fogo, encara-o a fito, tremula. Inicia um gesto de expulsão, mas retrahe-se; o braço cahe-lhe abandonado, inclina a cabeça e queda succumbida. Honorio adianta um passo receioso.*

**Livia**, levantando a cabeça, com um sorriso triste, que irradia ódio, diz dolorosamente:

Está no seu direito...

*O copeiro aparece ao fundo. Livia encara-o desvairada, tremula um riso nervoso, num atordoamento em que se sente latejar a ira. Serena aos poucos e, esboçando um sorriso, com um gesto convida Honorio a passar á sala de jantar. Honorio adianta-se, offereçe-lhe o braço e condul-a.*

### PANNO

## TERCEIRO ACTO

*O mesmo scenario.*

### SCENA PRIMEIRA

**EVA e o copeiro**

*Ao descerrar-se o velario ouve-se reunir a campainha do telephone. Eva apparece á esquerda com uma charpa de seda no braço. O copeiro entra na saleta a correr.*

**Eva**

Anda dahi, creatura, a vér se fazes calar esta maldita campainha. Já estou zonza! Até parece a Assistência. Isto, com certeza, é a tal viuvinha a perguntar se a patroa está em casa para vir para cá chorar o marido e falar nos escândalos que por ahi vão, com a graça de Deus. O que «Ha quer sei eu, mas estão verdes.

**O copeiro, ao telephone:**

Cala-te. Assim não posso ouvir o aparelho.



**Eva**

E que me importa a mim o aparelho? Quem sabe se é melhor do que eu? Fala pr'ahi.

**O copeiro**

Alô!

**Eva**

Alô! A!ô! Até não sei que parece... (*O copeiro bate o pé, frenético.*)

**O copeiro**

Alô! Quem fala? Quem?!

**Eva**

Ora! Quem ha de ser... Vê se conheces pelo cheiro.

**O copeiro**

Sim, senhor.

**Eva**

Quem é? (*O copeiro acena-lhe para que se cale, Amuada:*) Pois sim...

**O copeiro**

Sim, senhor. Quer que a chame?

**Eva**

É o patrão... ?

**O copeiro**

Sim, senhor. Vou chamal-a. (*Deixa o phone*)

*sobre a mesa. A Eva:)* Olha que tu... Vê lá se boles ahi. Deixa como está. Vou chamar a patroa.

**Eva**

Mas quem é? *(O copeiro faz-lhe uma careta e entra á esquerda, rindo. Desapontada:)* Diabo do alcoviteiro... Eu é porque sinto cócegas no ouvido com essa trombeta, senão havia de apanhar boas. *(Fica a olhar o telephone como quem procura decifrar um mysterio. Dá d'hombros.)* Pouca vergonha!

*Um momento.*

## SCENA II

LÍVIA e EVA

**Livia**, sahe da esquerda, apressada: *tonta o phone e fala:*

Mamede? Eu mesma. Onde estás? Hotel dos Estrangeiros? Acabamos ha pouco. Vai já. Bôa. Sim. Porque não vens? Queres que o previna? Sim... sim... Acho bom. Toma um auto e vem. Até já. Hein? Sim. Até já.

*Desliga e queda abstrahida, o olhar fito, os braços abandonados.*

**Eva**

Olhe a charpa.

**Livia**

Para que? Não está frio.

**Eva**

É, mas depois a senhora começa a queixar-se da garganta. (*Passa-lhe a charpa em volta do pescoço.*) Assim está agasalhada.

**Livia**

Bem, deixa-me ir. O homem ficou lá sósinho.

*Eva, olhando para o jardim, á meia vos:*

Não é elle que ali está ?

**Livia**

Onde?

**Eva**

No jardim.

**Livia**

Não vá ter-se aborrecido.

*Honorio apparece no jardim, accende um charuto e fica a olhar vagamente. Livia vai ao seu encontro. Eva fica um momento a espreital-os, por fim entra á direita.*

### SCENA III

HONORIO e LÍVIA

**Livia**

Porque não entra?

**Honorio**

Está muito agradável aqui fora.

**Livia**

Se é porque está fumando, não faça cerimonia. Não me incommoda.

**Honorio**

Também são duas baforadas apenas. Gosto, mas faz-me mal. Depois do café sabe-me o charuto, mas não abuso; o meu vicio é razoavel. (*Atira fora o charuto.*) Estou satisfeito. (*Descem. Um momento.*) Está com frio?

**Livia**

Não, senhor. Teima da criada. (*Um momento.*) Mamede acaba de falar-me ao telephone. Vem já.

**Honorio**

Ah!

**Livia**

Está no Hotel dos Estrangeiros. De lá aqui é um instante, cinco minutos em automovel.

**Honorio**

É... mas a senhora está fatigada... e eu não sou companhia agradável: velho, sem espirito...

**Livia**

Não diga isso...

**Honorio**

As senhoras apreciam a palestra scintillante

dos rapazes, que lhes falam da alegria da vida, não a dos velhos, que só lhes podem dar notícias do passado.. Os homens da minha idade, quando conversam, recordam, o que é o mesmo que passeiar em cemiterios. Os rapazes levam-nas aos jardins do sonho... Demais, são quasi onze horas...

**Livia**

Dez e meia. O seu relógio está muito adiantado.

**Honorio**

É possível. (*Com intenção:*) Adiantou-se querendo, talvez, apressar a minha felicidade e lançou-me nas malhas do engano. (*Livia carrega o sobrecenho.*) Costuma deitar-se tarde?

**Livia**

Nunca antes da meia noite. Leio sempre um pouco... (*Um momento.*)

**Honorio**

E sobre Guarujá? Que resolve?

**Livia**

Não sei.

**Honorio**

Garanto que não se arrependerá. A praia é linda, uma das mais bellas do mundo, na opinião de Coquelin. E o hotel excellente.

**Livia**

Se meu marido quizer...

**Honorio**, *superiormente*:

Respondo por elle. (*Livia encara-o revoltada com o tom peremptório da affirmação. Remorde os lábios, baixa a cabeça e fica a tamborilar no braço do sofá. Um momento.*) Porque não toca alguma coisa? (*Livia levanta a cabeça, olha-o friamente, sem um gesto, e recolhe-se á attitude pensativa, sempre retrahida, como no receio de uma cilad.a. Resignado:*) Tem razão. Fui tão cruel com o Angelus! Dahi, quem sabe? é até possível que me reconcilie com elle. Seja o espirito de paz. (*Gesto negativo de Livia.*) Porque? Um pouco de Chopin.

**Livia**, *sem poder disfarçar a repugnancia*:

Não!

**Honorio**

Porque ?

**Livia**

Não estou disposta.

*Relanceia um olhar angustioso em torno e fica numa inércia dalma, immovel, a physionomia demudada, como a annunciar uma explosão de pranto. Honorio dá uma lenta volta pela sala, consulta o relógio.*

**Honorio**, *resolutamente*:

Bem... não quero importunal-a mais...

**Livia**, *como despertando*:

Mamede não pode demorar...

**Honorio**

É tarde.

**Livia**

Aceita um calice de licor? (*Recusa de Honorio.*) Cognac ?

**Honorio**

Nada. (*Resoluto:*) São horas. (*Rumor no jardim. O portão bate.*)

**Livia**, *alvoroçada*:

Ahi está elle! (*Vai á porta visivelmente commovida.*)

#### SCENA IV

Os mesmos e MAMEDE

**Mamede**, *entra afogueado. Vai direito a Honorio e abraça-o. Beija Livia. Loquacidade alcoólica.*

Então, meu velho? Livia disse-te o que houve, não? (*Deixa o chapéu sobre o tremo. Despe o pardessus. Bstá de casaca. Esponjando o rosto com o lenço.*) E como te trataram?

**Honorio**

Magnificamente!

**Mamede**

Pois eu, meu velho... não imaginas. (*Senta-*

*se estouvadamente.*) Que estopada! O tal americano... um typo! Espertalhão de marca...!

**Honorío**

Quem é?

**Mamede**, *atrapalhado*:

Hein?! É... (*Rebuscando nos bolsos*;) Devo ter um cartão delle... Não, não tenho, É um nome rebarbativo: West... Westmann. Deves conhecê-lo : anda sempre pelo Bar — alto, magro, d'um louro melado. Está no Hotel dos Estrangeiros. West... Não sei. Eu chamo-lhe John.

**Honorio**

Não conheço. (*Lança um olhar de intelligencia a Livia.*)

**Mamede**

E o tom? Uma ousadia... um atrevimento... Eu... nem sei como não lhe mandei com um prato á cara.

**Honorio**, *tranquillamente*:

Porque ?

**Mamede**

Ora! Queria arranjar-se... negocios. E poz-se a falar com superioridade affrontosa, como se isto aqui fosse a Costa d'África, terra a retalhar, e os nossos homens uma corja venal. Mais isto, mais aquillo, tanto para fulano, tanto para beltrano. Afinal a gente, por mais que se queira



conter, irrita-se. É desaforo! Negócios, negócios, mas a patria acima de tudo. (*Outro tom:*) E tu?

**Honorio**

Ah! eu... Que hei de dizer? Tua senhora...

**Mamede**

Quando ella quer ser amável ninguém a vence, mas tem lá os seus dias, são raros, mas em compensação... (*Acaricia Livia, que se retrahе.*)

**Honorio**

Conversamos sobre tudo, até sobre finanças...

**Mamede**

Ahn! Ahn! (*Outro tom:*) Pois eu, meu velho... (*A Livia:*) Manda-nos trazer whisky. (*A Honorio:*) Tomas?

**Honorio**

Não. (*Livia toca a campainha electrica.*)

**Mamede**

Pois ahi tens a minha noite. (*Outro tom:*) O teu telegramma...

**Honorio**

Tua senhora disse-me. (*O copeiro apparece ao fundo.*)

**Mamede, ao copeiro:**

Whisky. (*O copeiro retira-se.*) Pois é, não quiz

deixar o americano á minha espera e, como não tinha o seu endereço— porque combináramos encontrar-nos na Brahma—atirei-me por ahi estupidamente. (*Passando o braço pelo hombro de Honorio:*) Não levaste a mal...

**Honorio**

Ora essa!... (*Outro tom:*) E o negocio? convém?

**Mamede**

Qual negocio! (*A Livia:*) Estás macambu-sia... (*Gesto indifferente de Livia. Continuando:*) Planos extraordinários! o *trust* da borracha, o arrasamento do morro do Castello, um metropolitano... (*O copeiro entra com o serviço de whisky. Prepara e offerece a Honorio, que recusa. Bebe.*) Pois é: idéas gigantescas, açam-barcamento de tudo e... nem chêta. Cavador, meu velho. (*O copeiro retira-se.*) Ave d'arriba-ção perigosa! (*Abaixa-se, apanha uma pérola e examina-a.*) Uma perola...

**Livia, friamente:**

É minha...

**Mamede**

Tua?

**Livia**

Sim.

**Mamede**

Perdeste? Toma. (*Dá-lhe a perola.*)

**Honorio**

O Lupercio veio commigo.

**Mamede**

Ah! sim? E porque não ficou?

**Honorio**

Tinha de jantar com o Maia, annos da senhora,

**Mamede**, *de olhos cravados no tapete:*

Sempre o mesmo, hem?

**Honorio**

Ora!

*Mamede abaixa-se, apanha outra pérola. Turba-se-lhe o rosto em desconfiança. Os olhos accendem-se-lhe, erram pesquisadoramente pelo tapete, levantami-se, por fim, afuzilando áscuas e cravam-se, a fito, no rosto impassivel de Livia.*

**Livia**

Que é? (*Encaram-se.*)

**Mamede**, *com um sorriso sarcastico:*

Nada.

**Honorio**

Bem, eu já ia sahir quando tua senhora disse-

me que vinhas em caminho. Não quiz retirar-me sem agradecer a hospitalidade amavel.

**Mamede**

É cedo.

**Honorio**

São horas. Tenho amanha um dia intenso. Só aquelle caso da Tecelagem...

**Mamede**

E em que fica afinal?

**Honorio**

Havemos de chegar a accordo. O Brito está renitente, birra; mas ha de ceder. A propósito, o teu negocio está resolvido.

**Mamede, *transfigurado:***

E então?

**Honorio**

Muito bem. Melhor do que esperavamos.

**Mamede**

E as condições?

**Honorio**

Á vista.

**Mamede**

Sim, senhor! E quando queres que appareça?

**Honorio**

Amanhan, se quizeres.

**Mamede**

A que horas?

**Honorio**

Ás duas.

**Mamede**

Decididamente és um homem! Só não fazes o que não queres. E aquillo das terras?

**Honorio**

Mais tarde. Roma não se fez num dia.

**Mamede**

Mas contas conseguir?

**Honorio**

Trabalha-se. A coisa não é fácil, pede tempo. Ha de ir. (*A Livia:*) Minha senhora...

**Livia**

Peço-lhe que me desculpe...

**Honorio**

Por quem é...! Vou encantado, lamentando apenas a ligeireza das horas, a que a gentileza captivante de V. Ex.<sup>a</sup> deu azas...

**Livia**

Bondade... (*Honorio beija-lhe a mão.*)

**Honorio**

Com licença...

**Mamede**

O teu chapéu...?

**Honorio**

Deixei-o ali.

*Mamede precipita-se para a saleta em busca do chapéu e do pardessus de Honorio. Durante a sua ausência Honorio e Livia encaram-se; elle, ousado; ella, sobran-ceira. Honorio estende-lhe a mão, ella apruma-se, altiva, recusando-se a attender-lhe ao gesto. Blle insiste com um aceno de cabeça, ella baixa os olhos e evita-o com dignidade.*

**Mamede**, com o chapéu e o pardessus de Honorio:

Aposto que ainda vais ao club?

**Honorio**

Eu? daqui direito para casa. Tenho trabalho á minha espera.

**Mamede**

Ainda!?

**Honorio**

Até a madrugada, talvez. (*Mamede ajuda-o a vestir o pardessus.*)

**Mamede**

Então até amanhan.

**Honorio**

Até amanhã (*A Livia:*) Dê-me as suas ordens, minha senhora.

*Mamede e Livia acompanham-no até a porta.*

**Mamede**

E aparece.

**Honorio**

Sim. Obrigado. (*Cumprimentos.*)

**Mamede**

Até amanhã.

**Honorio, longe:**

Até amanhã.

## SCENA V

### MAMEDE e LÍVIA

*Livia conserva-se encostada á porta, esquecida. Mamede olha de soslaio, sobreceño; desce e põe-se a medir o salão a lentas passadas, cabisbaixo, as mãos para as costas. Accende um cigarro, masca-o nervoso; torna á porta e, num gesto frenético, atira o cigarro fora. Buzina de automovel distanciando-se. De repente, insofrido:*

**Mamede**

Ainda não estás satisfeita? Vê lá se queres passar a noite ahi fora, ao relento.

**Livia, voltando-se, com, indiferença gelida:**

Que é?

**Mamede**

A companhia agradou-te, hein?

**Livia**, *friamente*:

Ainda por cima...

**Mamede**

Olha, Livia, julga-me como quizeres, mas não me tomes por tolo, estás ouvindo?

**Livia**

Que queres dizer?

**Mamede**

Nada! (*Accende outro cigarro.*)

**Livia**

Fala! (*Elle estaca, encara-a affrontosamente, com um risinho acido.*) Fala!

**Mamede**, *accentuando as palavras*:

Houve aqui uma scena de Grand Guignol...?

**Livia**, *sem entender*:

Grand Guignol...?

**Mamede**, *sarcastico*:

Sim: quizeram estrangular-te, ladrões...

**Livia**

Não te entendo.



**Mamede**

Pois então? Essas perolas espalhadas... Se não foste victima de ladrões andaste aps trancos com alguém...

**Livia**

Eu?

**Mamede**

Não, eu. Que quer dizer isto de perolas pelo chão? Como se rebentou o teu collar senão ás mãos de alguém com quem te debateste?

**Livia**

Estás com ciúme?

**Mamede**

Ciume ?

**Livia**

Que te disse eu?

**Mamede**

Não, não tenho ciume. O ciume é ridiculo. Quero saber que fizeste do meu nome, entendes? Não me preocupu comtigo.

**Livia**

Bem sei.

**Mamede**

Zelo o que é meu.

**Livia**

A boas horas.

**Mamede**

Deixemo-nos de ironias! Agradou-te o D. João? É verdade que esse traz coisa melhor do que a guitarra, (*escarninho:*) instrumento de som mais doce: a bolsa...

**Livia**

Tu o dizes. (*Calmente:*) E pensas que foi elle?

**Mamede**

Quem foi, então? (*Encaram-se um momento.*)  
Quem foi?

**Livia**

E se foi elle de quem é a culpa? dize! Quem o introduziu nesta casa? Quem lhe preparou a situação fácil, impudentemente franca, para que tudo ousasse, senão tu? Responde! Eu não o conhecia. Quando me disseste que o convidáras a jantar sempre pensei, na minha ingenuidade de mulher simples, que lhe farias as honras da casa, impondo-me á tua direita, como tua esposa. Fugiste, deixaste o campo livre e rastreado de infâmia e nelle, como ovelha fraca, ao abandono, aquella que devias cercar com o teu nome, honrar com o teu prestígio, levantar com o teu orgulho, defender com o teu sangue ,se tanto pre-

ciso fosse. E porque ? porque precisavas de um engodo para a armadilha torpe e agora, que conseguiste o que desejavas, dás um ponta-pé na carniça que attrahiu a caça ao teu fôjo. É isto, estás ouvindo? Tens o dinheiro, estás contente. O mais, que importa!

**Mamede**

O dinheiro! Que dinheiro?

**Livia**

Não perguntes a mim, pergunta-o á tua amante.

**Mamede**

Á minha amante... Ah! eu tenho uma amante ?

**Livia**

Tens! (*Um momento.*) Se eu transviar-me da honra a culpa será tua que me precedeste no caminho errado.

**Mamede**

Forçando-te, não? Atirando-te no tapete e lutando contigo a ponto de rebentar...

**Livia**

Referes-te ao collar? Quem o rebentou não foi elle, fui eu, eu propria, com as minhas mãos frenéticas, ouvindo-o falar de ti, não como traidor, que se insinuasse pela intriga, mas como teu amigo, querendo justificar-te.

**Mamede**

Justificar-me...

**Livia**

Sim. Defendia-te diante de mim e, descobrindo no meu pescoço- o collar que eu trazia da minha pobreza honesta, tomou-o por jóia de preço, attribuindo-o á tua generosidade de esposo meigo. Eu lamentava os teus esbanjamentos quando elle atalhou a minha queixa, contando-me o que fizeras na semana passada, certo de que, assim, calaria no meu coração todo resentimento.

**Mamede**

E que fiz eu?

**Livia**

Que fizeste? Um negocio.

**Mamede**

Sim, e depois?

**Livia**

E empregaste todo o lucro na aquisição de um collar de perolas de dezoito contos. (*Movimento de Mamede.*) Dezoito contos. Não foi?

**Mamede**

Ah! elle disse-te?

**Livia**

Eu não podia adivinhar.

**Mamede**

Queria conquistar as tuas boas graças.

**Livia**

Não, queria provar-me o teu amor, não podendo acreditar que empregasses tão avultada quantia em um presente para a tua amante. Pensou naturalmente, como eu pensava até hoje, que eras um esposo digno. Não é muito que se tenha enganado quem te conhece de hontem, quando eu, que vivo oomtigo ha cinco annos, só agora decifro o teu character. Vendo-me com o collar tomou-o pelo que compraras e, com elle, quiz defender-te das minhas accusações. Ahi tens: as pérolas da traição não são as minhas, essas adquiri-as eu com as economias da minha pobreza. Perolas de armarinho, que eu estimava por me recordarem o doce tempo que não volta e do qual me lembro com lagrimas... agora mais do que nunca! (*Contendo as lagrimas:*) Mais do que nunca!

**Mamede**, *depois de beber um trago de whisky:*

Então eu dei um collar de dezoito contos...?

**Livia**

Á tua amante... Deste!

**Mamede**

É mentira.

**Livia**

A quem o deste, então?

**Mamede**

A ninguém. Era para oferecer-te, mas devolvi-o ao joalheiro porque as perolas não eram perfeitas...

**Livia**

E o dinheiro?

**Mamede**

Que tens tu com o dinheiro?

**Livia**

Nada.

**Mamede**

Quem sabe se queres que te preste contas?

**Livia**

Não te peço contas, nunca as pedi nem pedirei jamais.

**Mamede**

Era o que faltava...

**Livia**

E as tuas noites? Tens negócios todas as noites: são americanos que te esperam em hotéis, são reuniões de direcionas, assembléas geraes, correctores que te dão entrevistas, politicos que pedem os teus conselhos...

**Mamede**

E então?

**Livia**

As tuas noites: bem sei eu onde as passas...

**Mamede**

Sabes?

**Livia**

É á banca do jogo, com a tua amante ao lado. (*Acerba:*)  
Fazes fortuna com as mulheres. Não te basta uma mascotte:  
tens duas.

**Mamede**

O teu amante denunciou-me!?

**Livia**

O meu amante...

**Mamede** Sim, o teu

amante!

**Livia**, *d'arranque:*

E quem m'o deu, senão tu? Se m'o trouxeste, foi porque o  
acbaste bom, eu não devia rejeital-o. (*Com um sorriso cruel:*)  
E o dinheiro? (*Outro tom:*) Não, não te denunciou...

**Mamede**

Fez o meu elogio, não? (*Com desprezo:*) Sabes que mais?  
não tenho satisfações a dar-te,

nem a ti nem a ninguém. Faço o que entendo, saio quando me convém. Sou livre.

Livia

Também eu!

Mamede

Tu? Ahn!

Lívia

Eu, sim! Porque não? Os direitos são iguaes. Associamonos para a vida, assumindo compromissos reciprocos, desde que uma das partes falta ás suas responsabilidades o contracto deve considerar-se dissolvido...

**Mamede**

Aprendeste depressa a linguagem do com-  
mercio...

**Livia**

Não vivesse eu em um... balcão.

Mamede

Lívia!

**Livia**

Não me intimidas. Conheço-te a coragem. A criatura docil que tudo supportava, desde o abandono até o vilipendio, cedeu o lugar á re-  
voltada...

**Mamede**, *dando de hombros:*

Dramalhão...!



**Livia**

Enganas-te: não faço scenas; falo serenamente. Dispo a vergonha que me enxovalha e desprezo-a nas tuas mãos. Fui sempre meiga, dedicada e simples até á imbecilidade. Tinhas-me em conta de tola, não? sê franco. (*Mamede repete a dose de whisky.*) Obedecia-te cegamente julgando que, assim, procedendo como bôa esposa, concorria para o teu bem. Iria ao sacrificio, se preciso fosse, desde que se tratasse do teu interesse; não falo da honra, que essa eu tinha, e tenho, em maior preço do que a vida. Mas rojar-me, infamar-me por outra, por tua amante... isso é baixeza a que me não sujeito. Não estás rico? independente? Sê feliz... Eu...

**Mamede**

Tu... o que?

**Livia**

Já me não pertenço. Saio, ainda honrando a tua palavra. Será a ultima prova da minha dedicação.

**Mamede**

Vais para elle?

**Livia**

E não é natural... e honesto? Vendeste-me, devo seguir a quem me comprou. A mercadoria vai com quem a paga.

**Mamede**, *achegando-se a Livia cinicamente:*

Assim, pela tua moral, eu não tenho o direito de receber um amigo em minha casa. És tão melindrosa que o simples olhar de um homem...

**Livia**

O simples olhar... (*Encaram-se um momento. Falando-lhe á face:*) E um beijo?

**Mamede**

Beijo! Elle beijou-te?! (*Gesto afirmativo e altaneiro de Livia.*) Beijou-te! (*O mesmo jogo.*) E tu? (*Livia encolhe os hombros, com resignada indiferença. Cuspindo-lhe á face, de punhos cerrados*) Cynica!

**Livia**

Beijou-me como dono.

**Mamede**

Foi elle, então, que... (*Num gesto raso allude ás perolas esparsas.*)

**Livia**

Não, o collar, quem o rebentou... fui eu. Já te disse e não minto. Nada occultoi, não quero trahir-te. Faço confissão leal para que me conheças. Beijou-me, sim; beijou-me violentamente (*mostrando o sofá:*) ali! Não havia aqui um

homem que me defendesse. Os criados? esses, não! não os tenho a serviço da honra. Esse dever compete exclusivamente ao marido e tu, por onde andavas? que fazias áquella hora, longe da casa que franquearas? (*com um riso sarcástico:*) Jantavas com o americano...

### Mamcde

E porque não te revoltaste?

*Lívia, de dentes cerrados:*

Tive impeto de esbofeteal-o... (*resignada:*) mas senti-me tolhida, enfraqueci de vergonha. Pensei em ti. Era o comprador que tomava posse da escrava. Mais ainda! Enquanto foste, a correr, com sollicitude servil, buscar-lhe o chapéu e o sobretudo, elle tentou tomar-me as mãos, attra-hir-me a si, beijar-me á tua sombra. E o seu olhar ardia em lascívia, despia-me com despudor. Eu sentia-o na carne, sentia-o nalma queimando como ferro em brasa.

### Mamede

E porque não me chamaste?

### Livia

Tive receio de humilhação maior. Podias obrigar-me a pedir-lhe perdão, a entregar-me de joelhos, a rojar-me sobre os tresentos contos com mie elle te acenara. Tive medo.

**Mamede**

Torpe!

**Livia**

Não me injuries. Observo-te que falo de cabeça erguida, não sinto peso algum de culpa. (*Ameigando-se:*) Estou ainda em tua casa, uso ainda o teu nome... queres manter-me e hon-rá-lo? É facil. Tens-me ainda tão pura como no dia em que me recebeste. Se, em verdade, és digno, se queres, com arrependimento, voltar aos dias honestos, lança de ti esse dinheiro infame, devolve-o ao chatim da tua honra e ter-me-ás comigo, como dantes, tua e esquecida do lance desta noite triste. Vai, faze o teu dever e regressa aos meus braços e á minh'alma. Vai!

**Mamede**

Achas, então, que negociar é vergonha?

**Livia**

Quando o balcão é o corpo de uma mulher...

**Mamede**

E que queres tu?

**Livia**

Que desfaças essa miseria.

**Mamede**

A meia noite...!

**Livia**

Sempre é tempo, para um homem desaffrontar-se.

**Mamede**

Duello? (*Dando de hombros:*) Não me presto a ridiculos.

**Livia**

Quem te falou em duello? Não te peço sangue, exijo apenas que restituas o dinheiro do trafico. Será o meio de me refazeres a honestidade. Vai!

**Mamede**

Ora!

**Livia**

Vai! Se não queres bater-lhe á porta, tens um meio mais prompto. Elle deu-me o numero do seu telephone. (*Com intenção:*) Nada esqueceu, como vês. (*Tirando do seio um cartão amarfanhado:*) Aqui o tens. Elle já deve ter chegado á casa. Chama-o e livra-rne delle, salva o teu nome e honra-nos. Podes dizer-lhe que te confessei tudo. Insulta-o, se quizeres. O que é necessario é que me resgates da infamia. Vai! Não lamento perder a fortuna. Nasci pobre e nunca a pobreza me fez chorar: tinha o sol e era alegre: trabalhava cantando.

**Mamede**

Vida de passarinho.

**Livia**

Sim, vida de passarinho. (*Continuando, como a sonhar:*) Vestia-me com singeleza cosendo, eu mesma, os meus vestidos, enfeitava-me de fitas, ornava-me de jóias falsas compradas com os meus vinténs. Foi assim que me descobriste entre as roseiras do meu jardim. Achaste-me bonita e era honesta. Então? Volto para a pobreza, como se regressasse á minha pátria depois de uma viagem longa á terra dos pesadellos. Entrarei alegre e refarei O nosso lar plantando-lhe em torno rosas. Queres? Onde estiveres ahi estarei, contente se me não faltares com o teu amor. O teu amor! Que fortuna melhor poderei eu desejar? Queres? (*Mamede bebe um gole de whisky.*) Não respondes? Preferes o dinheiro, não? (*Mamede accende um cigarro.*)

**Mamede**

Isso é ridículo. É tolo.

**Livia, sarcástica:**

Achas?

**Mamede**

Parece coisa de criança.

**Livia**

Sim, porque as crianças são puras. (*Um momento. Encarada nelle, voz surda:*) Preferes a ignominia? dize! Preferes?!

**Mamede**

Que ignomínia! Trabalhei, ganhei. O dinheiro é meu.

**Livia**

Trabalhaste... ?

**Mamede**

Trabalhei, sim. Trabalhei!

**Livia, por entre dentes:**

Trabalhaste...!?

**Mamede, dando d'h'ombros:**

Ora!

**Livia, accentuando intencionalmente todas as palavras.**  
*Transparece-lhe na physionomia o asco, os seus gestos desordenados traduzem intensa cólera:*

Trabalho honesto, hein? (*Riso escaminho.*) Tão honesto que não tiveste coragem de o ultimar e deixaste-me só para que eu me entendesse com o corrector. Pensas que os criados não perceberam? sabem tudo! (*Com desprezo:*) Um ma-

rido... negociar assim a propria mulher... E para que? para sustentar a amante.

**Mamede**, *depois de beber*:

Ha de ser isso...

**Livia**

Negocios? vai fazel-os com a outra, entendes? Commigo, não! Estás enganado!

Ora! **Mamede**

**Livia**, *caminhando agitadaamente*:

Se o negocio foi feito por mim, o dinheiro pertence-me, é meu! É o preço da minha virtude, que puzeste em praça; da tua honra, não! que a não tens. E queres receber... Além da chatinagem, furto. (*Com expressão de nojo*;) E chama-se a isto um marido: Púuh!

**Mamede**, *ameaçador*:

Livia!

**Livia**

As mulheres illudem, estás ouvindo? Desconfia das humildes, como eu. Tinhas-me por uma criatura facil, um ser maleavel, capaz de dobrar-se a tudo sem protesto. O ramo deixa-se vergar, deixa-se despojar, mas se o curvam demais tor-



na-se uma força e arranca-se das mãos que o retêm, escapasse com impeto e, no arremesso, vergasta. Eu era o ramo frágil — levaste-me as flores, despiste-me das folhas e queres rojar-me no lodo...? Ah! não! Isso, não! É demais! (*Dirige-se resolutamente para a saleta.*)

**Mamede**

Que vais fazer?

**Livia**, *em voz silvante*:

Chamal-o.

**Mamede**

Chamal-o...!?

**Livia**

Então? Que fico eu fazendo aqui? Vendida, vou com quem me comprou. Com o rufião não fico.

**Mamede**, *de punhos cerrados*:

Livia!

**Livia**

Não fico! Sustentar-te a ti e á tua amante com a minha vergonha, isso nunca! (*Ao telephone:*) Alô! (*Mamede precipita-se na saleta, arranca-a do apprelho e atira-a á sala com um safanão. Ella encarado livida, rilhando os dentes; caminha para elle em passos de tigre e diz-lhe*

*em rosto, aos silvos:)* Não fico! (*Mamede ameaça-a de punhos fechados. Affrontando-o:)* Bate-me ! É o que falta! Bate-me! Não respeitaste o teu nome no meu corpo quanto mais... Bate-me! (*Com profundo desprezo:)* Miseria d'ho-mem! Vergonha...! E dizer que eu sou tua mulher... Como me enganei, meu Deus! Bate-me! (*A campainha do telephone retine. Ella faz menção de voltar para attender; elle toma-lhe a frente, trava-lhe do pulso, arrasta-a á sala e atira-a no sofá. Ella repete desvairada:)* Não fico!

**Mamede**, *investindo com ella, fora de si:*

Chega, estás ouvindo? Chega!

**Livia**, *offegcmte:*

Não fico! (*Escarninha:)* Não me vendeste? Então? Dinheiro e mulher é muita coisa!

**Mamede**

Não me faças perder a cabeça...

## SCENA VI

**Os mesmos e Eva**

*Eva apparece á direita e pasma estarrecida.*

**Livia**, *a Eva:*

Vai buscar a minha capa. Aqui não fico...!

**Eva**, *intervindo, a medo:*

Que é isto, patrão?

**Livia, a Eva:**

Vai! (*Tenta levantar-se do sofá, Mamede subjuga-a brutalmente:*) Vai!

**Eva, implorando:**

Patrão... (*A campainha do telephone sôa.*)

**Livia, debatendo-se:**

Larga-me! (*Cuspindo-lhe as palavras á face:*)  
Vilão! Covarde! (*Com um riso nervoso, num esgar de loucura*) Como tens furtado á minha sombra! A quantos terás promettido o meu corpo! (*Correndo um gesto pela sala.*) Tudo isto é deshonra. Quanta torpeza! Bobre de mim! (*Surdamente:*) Miseravel!

**Mamede, fora de si, arrancando o revolver:**

Livia! (*Livia soergue-se aterrada e encara-o boquiaberta, d'olhos esgazeados.*)

**Eva, num grito espavorido :**

Patrão! (*Corre ao fundo e grita desesperada:*)  
José! Acode!

**Mamede, ameaçador:**

Se dizes mais uma palavra... (*Livia abre a boca, mas contem-se crispada de horror:*) Fala...!

**Livia, d'impeto:**

Canalha!

## SCENA VII

## Os mesmos e o copeiro

*O copeiro entra pelo fundo, a correr, justamente no momento em que Mameãe, no auge do furor, engatilha o revolver apontando-o á Livia. O copeiro avança resolutamente, atraca-se com Mamede tentando desarmal-o. Mamede consegue safar o braço; um tiro parte. Pânico. Livia solta um grito e escapa-se atirando-se para, o jardim em desapoderada corrida, desaparecendo. Mamede fica hebetado, relanceando olhares desvairados. Ouve-se bater o portão. Eva sahe para o jardim, a correr. Mamede desvencilha-se do copeiro, caminha pela sala nervosamente, escarapellando-se, toma o copo de whisky, contempla-o. Abre-se-lhe um sorriso cynico no rosto, dá d'hombros e, levando o copo á boca, diz com segurança:*

## Mamede

Vai para a casa dos pais... Scena. (*Depois de beber um gole de whisky, ao copeiro:*) Dá cá o meu chapéu. (*O copeiro vai á saleta, volta com o chapéu e o pardessus.*) Deixa ahi. (*Senta-se no sofá, accende um cigarro. Um momento.*) E é assim que um homem se perde... (*Abaixa-se resvalando oscillantemente no sofá, apanha uma pérola no tapete, mira-a e lança-a de si. Levanta-se, destende os braços, toma o chapéu e o pardessus, vai até a porta onde fica úm momento a olhar o jardim, por fim dá d'hombros e torna á sala:*) Pois sim... (*Entra vagarosamente á es-*

*querda O copeiro, depois que elle desaparece, meneia com a cabeça sorrindo maliciosamente e desce para apanhar a bandeja de whisky.)*

PANNO

# BONANÇA

PEÇA EM I ACTO

representada, pela primeira vez, a 14 de Julho de 1909  
na inauguração do Theatro Municipal  
do Rio de Janeiro

A  
SILVIO BEVILACQUA

amigo fraternal

Junho de 1909

# PESSOAS

LICIO	18	anos	.	.	Sr. Antônio Ramos
PADRE ANSELMO	65	»	.	.	» Nazareth
AMADEU	25	»	.	.	» João de Deus
ADELAIDE	40	»	.	.	Sr.a Luiza de Oliveira
DAMIANA	60	»	.	.	» Gabriella Montani
LENÔRA	16	»	.	.	» Lucilia Peres

Acção em S. Luiz do Maranhão. Actualidade.



*Sala nobre, em pentágono. Mobiliario e alfaias de gosto distincto. Piano á esquerda, baixa. Larga porta ao fundo communicando com o terraço, no qual se vê a escada que desce para o jardim. A esquerda e á direita, nas faces lateraes do fundo, portas abrindo sobre galerias envidraçadas. Da primeira vê-se uma parte mobilada á japonesa; a segunda apenas ornada de plantas. Porta á direita, primeiro plano, conduzindo ao quarto.*

## **SCENA PRIMEIRA**

**ADELAIDE e LENÔRA**

*Adelaide arranja as musicas na estante. Lenôra, na galeria da esquerda, fala, em tom risonho, batendo accentuadamente as syllabas.*

**Lenôra**

Dominus vobiscum... Dominus vobiscum.  
(*Dengosa:*) Anda, meu louro... Dominus...

**Adelaide**, *comsigo, sorrindo:*

Tolice...

**Lenôra**

Vobiscum... (*Um momento. Riso argentino.*) Assim...  
Então? Outra vez! Mais alto! Dominus vobiscum. (*Riso.*)  
Agora um beijo á sua sinhásinha. (*Chachurreando um beijo:*) Ahn! Ahn! como sabe...

**Adelaide**

Deixa o pobre bicho em paz, Lenôra...

**Lenôra, entrando:**

Mamai ouviu? Que graça! Custou, mas disse, todo arrufado, alargando os olhos. (*Imitando o papagaio:*) Dominus vobiscum. (*Riso.*) Eu só quero vêr a cara de Padre Anselmo quando o louro o receber com o seu latim de igreja.

*Damiana aparece, subindo lenta, cansadamente a escada com um grande ramo de folhagens e flores. Pára um momento no terraço resfolgando, e entra.*

**SCENA II**

1

**As mesmas e DAMIANA****Damiana, esbofada:**

Uf! minhas pernas...

**Lenôra**

Olhe, mamai... E diga depois que a exaggerada sou eu,

**Adelaide**

Mas que é isso, Nana? Onde queres metter todo esse matto?

**Damiana**

Matto? (*Mostrando as flores.*) Então isto é matto? Não se importe commigo. Eu sei o que estou fazendo.

**Adelaide**

Está-se vendo.

**Damiana**

Conheço seu Padre. Nunca me hei de esquecer d'elle, com o Marianno, os dois mettidos no matto o dia inteiro, catando parasitas.

**Adelaide**

Mas ninguém dorme com jasmins no quarto, Nana.

**Damiana**

E porque, não me dirá?

**Lenôra**

Porque matam.

**Damiana, com um mochôcho:**

Ah! (*Outro tom.*) Se flor matasse Santa Victoria era um cemiterio. (*Resignada.*) Depois, se elle não quizer, está acabado. O que eu quero é que elle veja.

**Adelaide**

E onde vais pôr tamanho ramo?

**Damiana**

Eu hei de achar lugar, descance (*Entra no quarto resmungando.*)

### SCENA III

As mesmas e DAMIANA no *quarto*

**Adelaide**

Aquillo como está parece mais uma estufa do que um quarto de dormir. O que vale é que Padre Anselmo não é de cerimoniais: se a coisa não lhe agradar...

**Lenôra**

Nana até remoçou com a noticia da vinda de seu Padre: está outra. Nem se lembra do rheumatismo.

**Adelaide**

Tem razão, coitada! Conhece-o desde moça. É um dos poucos do seu tempo.

**Lenôra**

E mamai já viu a quantidade de doces que ella fez? As prateleiras da despensa estão abarrotadas. E ainda hoje passou toda a manhan a fazer sequilhos e folheados.

**Damiana**

Ô gente, este Crucifixo fica aqui mesmo?

**Adelaide**

Onde?

**Damiana**

Na mesinha de cabeceira?

**Adelaide**

E onde ha de ficar?

**Damiana**

Pois onde? na cómmoda. Na cómmoda está mais seguro. Uma pessoa, sem querer, pôde dar um encontrão e lá se vai a imagem. Agora mesmo foi por milagre que não o derrubei com o ramo. Também isto está tão atravancado! Acho melhor na cómmoda.

**Adelaide**

Pois sim. (*Lenôra e Adelaide trocam signaes sorrindo.*)

**Damiana**

E o pente?

**Lenôra**

Que pente?

**Damiana**

O pente novo.

**Lenôra**

Está no lavatorio.

**Damiana**

No lavatorio? Onde? Ah! está aqui.

**Adelaide**, *á meia voz:*

Fala!...

**Lenôra**, *no mesmo tom:*

Nem dormindo está calada. Ouço-a do meu quarto, e são sempre rugas, resingas com os criados. Ás vezes assusta-me com pesadellos. Esta noite foi um horror! Tive de despertal-a para poder dormir.

**Adelaide**

Coitada! Está muito velha.

**Lenôra**

Que idade terá Nana, mamãe?

**Adelaide**

Mais de sessenta.

**Lenôra**

Pois olhe, se não fossem os achaques...

**SCENA IV**

As, mesmas. **DAMIANA** *em scena*

**Damiana**, *sahindo do quarto:*

Se a gente pudesse arranjar um pouco de erva de S. João...

**Lenôra**

Herva de S. João? Para que?

**Damiana**

Para botar na roupa,

**Adelaide**

Ora, Nana...

**Damiana**

Ora, que? Seu Padre não esteve na França, gosta das coisas da sua terra, como eu. Se elle até no rape usa uma fava de cumaru.

**Lenôra**

Quem é mais velho, Nana: você ou elle ?

**Damiana**

Devemos regular a mesma idade, pouco mais ou menos. Quando elle rezou missa nova eu era mocinha dos meus dezoito annos. E lembro-me como se fosse hoje! (*Suspirando:*) Bom tempo! (*Outro tom:*) E Amadeu, gente?

**Adelaide**

É verdade... (*Damiana vai ao terraço.*)

**Damiana**, depois dum momento, falando para o jardim:

Homem, você está bom para buscar a morte.  
(*Voltando-se para a scena:*) Está ahi Amadeu.

**Adelaide**

Só?

**Damiana**

Sósinho.

*Mãe e filha encaram-se surpreendidas e  
adiantam-se para o terraço.*

## SCENA V

As mesmas e AMADEU

**Adelaide**, a Amadeu, que apparece no terraço:

Que é do seu Padre?

**Amadeu**

Foi para o Hotel Central.

**Lenôra**

Para o hotel?

**Adelaide**

Como para o hotel?



**Damiana**, *desapontada*:

Estão vendo aquelle homem!

**Amadeu**

Veiu com um moço e está lá com elle...

**Damiana**

Que moço! que nada! Historia delle...

**Adelaide**

Não lhe disseste que o esperavamos?

**Amadeu**

Disse sim, senhora; e que o quarto estava prompto. Elle mandou o recado e disse que ia deixar a mala no hotel e vinha já.

**Damiana**, *dando d'hombros*:

É assim...

**Adelaide**, *a Amadeu*:

Está bem. Podes ir. (*Amadeu retira-se.*)

## SCENA VI

As mesmas, menos AMADEU

*Um momento.* **Damiana**

A gente com tanto trabalho e seu Padre no

seu bem bom por ahi. Tola é quem se cançã. Se elle não fosse um velho...

**Adelaide**

Quer ficar á vontade.

**Lenôra**

E onde ficará elle mais á vontade do que aqui ?

**Damiana**

Eu sei o que é: encontrou politicos e empacou. É a cachaça. Em Santa Victoria era a mesma coisa. Em tempo de eleições ninguém; contasse com: elle, nem para levar o Senhor a um moribundo.

**Adelaide**

Nem tanto, Nana...

**Damiana**

Nem tanto?! Eu é que sei. Muito bom, um santo! mas se morrer era tempo de eleições, que Deus tal não permitta, não sei! O homem perde a cabeça duma vez. (*Resmungando:*) Moço, moço...

**Lenôra**

E o quarto?

**Adelaide**

Já agora... que fique como está.

**Damiana**

De certo. É bom que elle veja.

*Lenôra, á porta do quarto:*

Que pena!

**Damiana**

E eu que estou com os dedos todos queimados?

**Adelaide**

Emfim... terá lá as suas razoes.

**Damiana**

Quaes razoes! O que elle tem é conversa com essa gente das folhas. É muito capaz de se metter com algum delles e não nos apparecer aqui senão lá para a noite. Eu fui criada em casa de politicos... (*A Adelaide:*) Seu pai era bom e seu marido... Deus me livre! Peior do que político só jogador.

*Sôa a campainha. As senhoras correm  
alvoroçadas para o terraço. Um momento.*

**Amadeu, fora:**

Está abi seu Padre.

*Adelaide, falando para o jardim:*

Muito bonito! Então vem visitar-nos e fica no hotel?

**Lenôra**, *mesmo jogo*:

Isto não se faz.

**Damiana**, *mesmo jogo*:

Até parece desfeita.

*Padre Anselmo assoma na escada. As senhoras adiantam-se para recebê-lo, beijam-lhe a mão, abraçam-no.*

## SCENA VII

A» *mesmas e PADRE ANSELMO*

*Entram: O Padre entre Adelaide e Lenôra. Damiana segue-os como aturdida.*

### Padre

Ha razões fortes, minhas amigas. (*Respira desafogadamente.*) Ora louvado seja o Senhor, que as vejo a todas com saúde. (*A Lenôra:*) Benza-te Deus! Estás uma mocetona!... (*Affaga-a.*) E a senhora, muito bem, D. Adelaide. Nana, sempre a mesma.

### Damiana

Vai-se rolando, seu Padre. O senhor é que não fica velho, com a graça de Deus. Padre É a bôa vida. Quando o rebanho é docil, o pastor descança.

*Sentam-se, com excepção de Damiana.*

**Damiana**

Como vai Catharina, seu Padre?

**Lenôra**

Começam as perguntas.

**Padre**

Como ha de ir, coitada! Tu é que tens fibra de ki, bom cerne.

**Adelaide**

Bôa viagem?

**Padre**

Regular. Até Croata muito coivára. Felizmente tivemos agua.

**Damiana**

E aquella gente por lá?

**Padre**

Sem novidade.

**Adelaide**

E o filho do Antoninho Vargas?

**Padre**

Apanhou-se no Recife com mesada franca, fraquinho, meteu-se em pagodes e foi aquillo...

**Adelaide**

Tisico...

**Padre**

Tísico... sei lá! Uma desgraça!

**Damiana**

E Nóca? É verdade que desmanchou o casamento? (*Gesto afirmativo do Padre.*) E porque, meu Jesus?

**Padre**, *com malicioso sorriso:*

Isso agora, minha amiga, é segredo de confissão. (*A Adelaide:*) Santa Victoria é que está um Paraíso. Dou-lhe parabéns pelo achado: Valerio é um administrador de mão cheia.

**Adelaide**

Pois não. Estou muito contente com elle.

**Padre**

E porque não vai, agora pelo Natal, até lá, vêr as obras, as plantações...?

*Adelaide baixa a cabeça, memeando-a em gesto negativo. Um momento.*

**Damiana**, *commovida:*

Antes Deus o tivesse levado, ao menos a gente sabia onde elle estava. Lalá tem razão. Eu também não tenho coragem de ir ao sitio vêr aquillo tudo, lembrar-me de tanta coisa...

**Padre**, *depois dum silencio:*

Tu não crês em milagres, Damiana?

**Damiana**

Eu ? Como não! Tenho visto tantos...!

**Padre**

Pois então?

**Damiana**, *com uncção:*

O poder de Deus é muito grande!

**Adelaide**

Sim, é... mas... (*Outro tom:*) Milagre...  
Que milagre poderá dar-se? Julinho apparecer?

*Menêa a cabeça com incredulidade resignada.*

**Padre**

Deus não apregoa as suas misericordias.

**Adelaide**

O senhor é a propria Esperança, senhor Padre.

**Padre**

Sou um homem de fé.

**Damiana**

E de muita caridade, menos com seu Basilio,  
(*Outro tora:*) Já fala com elle, seu Padre?

**Padre**

Porque não? Temos rasgas á beira da urna: elle é teimoso, eu não sou menos. Fora disso, somos amigos.

**Adelaide**, *levantando-se*:

Pois é verdade: tínhamos preparado o seu quarto, (*Á porta do quarto*;) sem luxo, mas aqui sempre estaria mais á vontade do que no hotel. Venha vêr.

**Padre**, *á porta do quarto, maravilhado*:

Mas isto não é quarto de padre... Flores, fitas, colcha de seda, rede de casal. Para quem vive entre quatro paredes caiadas, dormindo em enxerga, isto é uma riqueza das «Mil e uma noites». Quem foi a fada que andou por aqui com a sua varinha de condão?

**Lenôra**

Nós todas, cada uma fez um bocado. Nana trouxe as flores...

**Damiana**

P'ra nada.

**Lenôra**

Eu... (*Dá d'hombros com mdiffer&nça*.) Mamãi dirigiu...

**Padre**

Isto é para príncipe!... e eu não cheguei ainda



a cardeal. E aquillo ali? é a lampada maravilhosa, com certeza...

**Adelaide**

É um gong, para chamar o criado. (*O Padre arregala os olhos maravilhado.*)

**Damiana**

Bom, com licença; a obrigação está-me chamando. Toma uma chicara de café, seu Padre?

**Padre**

Mais tarde.

**Damiana**

Pois sim.

**Lenôra**

Eu também vou. Quando acabarem de conversar quero que o senhor veja as minhas flores, as minhas bonecas... e o meu papagaio.

**Padre**

E um pouco de piano...

**Lenôra**

Pois sim. Até já.

*Damiana e Lenôra entram na galeria da esquerda..*

**Damiana, reprehensiva:**

Espera, menina. (*Chuchurréio de um beijo.*) Ah! tanto luxo com esse estúpido...!

**Lenôra**

Estúpido! Estás ouvindo, lourinho? Mexe com ella, anda: Velha coróca...! (*Riso.*)

**SCENA VIII**

O PADRE e ADELAIDE

**Padre**

Benza-a Deus! Está uma mocetona! (*Outro tom:*)  
Pois é verdade... (*Senta-se.*) Não contava commigo este anno por cá?

**Adelaide**

Principalmente neste tempo, em vésperas do Natal. O seu telegramma deu-me que pensar. Mas então... negocios?

**Padre**

Não, senhora. Vim trazer-lhe uma boa nova.

*Adelaide, sorrindo tristemente:*

A mim? Que será? Na minha idade as boas novas só podem vir do céu. Padre Para falar verdade, a que lhe trago não tem outra procedencia.

*Adelaide, com um sorriso constrangido:*

O senhor impressiona-me!

**Padre**

Pois não adivinha?

**Adelaide**

Eu?

**Padre, em tom, mysterioso:**

Só Deus pode resuscitar os mortos, D. Adelaide, ou trazer do mysterio os desaparecidos.

**Adelaide, depois de o encarar longamente, voz surda:**

Meu filho! (*Aceno affirmativo do Padre, que se levanta. Arrebatada:*) O senhor teve noticia delle?!

**Padre**

Eu lhe digo. No sabbado passado, á noite, chovia e eu estava a lêr a um canto, quando rne bateram á porta. Fui eu mesmo abrir. Era um pobre moço que me pedia agasalho em nome de Deus. Recebi-o na sala e, como estava encharcado, fiz o que pude para confortal-o. Depois de comer puzemo-nos a conversar e, logo ás primeiras palavras, percebi que tinha em casa um cigano.

**Adelaide**

E elle disse-lhe?

**Padre**

Perguntei-lhe quem era, donde vinha, que pretendia na villa...

**Adelaide**

E elle?

**Padre**

Respondeu-me como uma criança perdida: «Que não sabia...»

**Adelaide**

Como?

**Padre**

Explicando as suas palavras evocou, em tom simples, um tempo de angustias, esquecido de muitos, mas vivo em certos corações, que eu sei; em um principalmente, que está muito perto do meu.

**Adelaide**

Falou de Júlio...!

**Padre**

Falou de si, visto que era o proprio.

**Adelaide**

Júlio! (*Gesto affirmativo do Padre.*) Esse moço...

**Padre**

Sim, Júlio.

**Adelaide**

Mas não é possível, Padre Anselmo. (*Fica um instante suspensa, d'olhos extaticos. De repente, tomando-lhe as mãos:*) O senhor tem certeza?

**Padre**

Toda! (*Encaram-se algum tempo. Com mysterio:*) Por mais que ao nosso espirito repugne aceitar certos phenomenos, taes como os chamados avisos, somos obrigados a admittil-os pela insistência com que se produzem, A Providencia prepara-nos com o presentimento para os seus castigos e mercês. (*Outro tom:*) Quando fitei os olhos nesse moço, que vinha da noite, houve no meu coração um tumulto presago: a alma toda se me abriu em sympathia e fui para elle como levado pela mão de Deus.

**Adelaide**

E reconheceu-o? Tem certeza de que é elle?

**Padre**

Quarenta annos de confissionario apuram um homem no mysterio difficil de conhecer as almas e de extrahir das palavras a essência da Verdade. Vi-o nascer, baptisei-o, amei-o como se ama a creatura a quem se ajuda a firmar-se na vida, tive-o sempre ante os olhos até o dia triste do seu desaparecimento (*Um momento.*) E elle falou de tal modo, trazendo reminiscencias obscuras da pequena idade em que começou a ser desgraçado, que as minhas ultimas duvidas fundiram-se em lagrimas,

**Adelaide**

E elle?

**Padre**

Elle... coitado! (*Um momento.*)

**Adelaide**

E é elle o moço que o senhor traz comsigo?

**Padre**

É.

**Adelaide**

E elle sabe?

**Padre**

Não, nada sabe. Está certo de que eu o trouxe para arranjar-lhe uma collocação no commercio. (*Um momento.*) Pobre rapaz! Nos dias que passou na villa e em Santa Victoria, onde o levei, não o perdi de vista observando para certificar-me. Andando pelos caminhos do sitio parecia, mal comparando, um cão de caça farejando rasto: ia e vinha, olhando, reparando em tudo, d'olhos fitos e sentia-se-lhe na tortura da physionomia o angustiado esforço da evocação. Tinha quatro annos quando o levaram. Quatro annos! Que é isto? cerebrosinho tenro, sem retentiva, onde as impressões se substituíam como frisos nagua soprada d'aragem. Pobresinho! Emfim... elle ahi está, graças a Deus!

**Adelaide**

E Lenôra?

**Padre**

Que tem Lenôra?

**Adelaide**

Está moça... (*Encara o Padre com olhar desvanecido. Vos estrangulada:*) Esse homem surge, ninguém sabe, de onde... da vida ou da morte...

**Padre**

Como da morte?!

**Adelaide**

Não sei... (*Agitada:*) Tenho medo, Padre Anselmo. (*Commovida:*) O filho que perdi, ainda o tenho nos olhos, vejo-o... Esse... (*De repente, aterrada:*) E se não fôr elle? Se fôr uma traição? O mundo é tão mau...! Os que o roubaram bem podem agora querer levar-me ou... perder a outra. Na minha situação: viuva, com uma filha moça, receber em minha casa um homem que... não sei... Pense bem, Padre Anselmo; pense bem...

**Padre**

É seu filho.

**Adelaide**

E o senhor sabe? garante?

**Padre, com autoridade:**

Garanto!

**Adelaide**, *incredula*:

Garante... .O tempo muda tanto... (*Com volubildade*;) E esse homem conservará no coração o sentimento? Poderão renascer nelle as virtudes ? Poderá amar-nos, com o respeito que nos deve, vindo de onde vem, da irresponsabilidade bruta de uma vida solta? (*Aceno de incredulidade*.)

**Padre**

A benção materna fará o milagre de o transfigurar. Será como o fogo em maninho: levará toda a bruteza deixando a terra limpa para a se-menteira do amor. O seu receio é justo, mas a verdade é que a senhora é mãe desse infeliz e deve-lhe o que o seu coração não lhe deu e que elle reclama, comi o direito de filho e de desgraçado.

**Adelaide**

Tenho medo!

**Padre**

As suas duvidas vão dissipar-se. Para ter tempo de conversar com a senhora deixei-o no hotel, recommendando ao Cesarino que, ás 3 horas, o fizesse acompanhar até cá por um dos caixeiros. (*Consulta o relógio*.) São justamente 3 horas e o hotel é a dois passos. Elle não póde tardar. Vai ouvil-o.



**Adelaide**

Aqui! ?

**Padre**

E então?

*Adelaide inclina a cabeça, succumbida. O Padre contempla-a piedosamente. Um momento. Amadeu aparece no terraço:*

### SCENA IX

**Os mesmos e AMADEU**

*Amadeu, no terraço:*

O moço está ahi.

*Adelaide levanta-se de golpe, demudada e avança, como para fugir. De tem-se, tenta falar e queda.*

**Padre, docemente:**

Posso mandar entrar?

*Fitam-se ,um momento. As lagrimas rebentam dos olhos de Adelaide, que faz um aceno affirmativo, desaparecendo na galeria da esquerda. A Amadeu:*

Manda entrar.

*Amadeu, do alto da escada, acena para o jardim, chamando. O Padre respira arracadamente, limpa, a furto, uma lagrima e, parando á beira da mesa, ao centro, põe-se a mexer distrahidamente nas flores do vaso. Licio aparece no alto da escada, timido, canhestro, pobrememente vestido. Hesita á porta, olhando desconfiado.*

**Amadeu**

Está ahi o moço.

**Padre**

Entre. (*Amadeu retira-se.*)

### SCENA X

O PADRE e LICIO

*Licio aproxima-se, estende a mão ao Padre e fica a olhar, hebetado. Padre Anselmo senta-se e convida-o a imital-o.*

**Licio**

Estou bem sim, senhor.

**Padre**

Sente-se, homem. Descance o<sup>1</sup> chapéu. (*Licio obedece, vexado:*) Então, que tal a cidade?

**Licio**

Bonita.

**Padre**

Havemos de dar umas voltas por ahi. Tomou café?

**Licio**

Sim. (*Um momento*)

**Padre**

Esta é a casa da senhora quem lhe falei; senhora dona do Engenho de Santa Victoria, onde esti-

vemos. (*Lido relancêa os olhos pela casa.*) Um coração de ouro! Já conversamos a seu respeito e ella está curiosa da historia da sua vida. Eu sou um pobre vigário sertanejo, pouco poderei fazer a seu favor. Ella, não: é rica, uma das maiores fortunas da província, e relacionada com o que lia de melhor. Com a sua protecção poderá você conseguir tudo, até, quem sabe! — o dinheiro faz milagres — achar sua mãe. (*Licio dá de hombros, incredulo.*) Não desanime, homem. Tenha fé. (*Outro tom:*) Olhe, se quer fumar, fume.

### Licio

Não, senhor.

**Padre**, dá uma volta pela sala e pára junto do pia/no:

Já viu um piano? (*Licio levanta-se e acerca-se do Padre, que abre o piano e mostra-lhe o teclado. Depois de ferir algumas notas, sorrindo:*) Vocês também têm lá os seus instrumentos: gaitas, pandeiros, violas... (*Licio sorri. De repente, como lembrando-se*) Homem, é verdade... (*Estendendo-lhe a mão espalmada:*) Ora leia aqui a minha sorte. (*Gesto negativo de Licio.*) Não sabe? Mas então só as mulheres é que lêem a *buena-dicha*? Uma já me disse que eu havia de chegar a bispo. Estou caminhando para a mitra, mas mui de passo, como tartaruga.

### Licio

Algumas lêem e acertam, as velhas...

**Padre**

E nunca leram a sua sina? (*Licio acena negativamente.*) Pois olhe, deixaram de fazer uma leitura de mão cheia, digo-lh'o eu.

**SCENA XI**

Os mesmos e ADELAIDE

*Sahindo da galeria da esquerda Adelaide detem-se á entrada, olhando Licio, que está de costas. Adianta-se lentamente, contendo a commocão visível. O Padre vai-lhe ao encontro. Licio volta-se e, ao dar com ella, perturba-se atarantando-se.*

**Padre**

Aqui está o moço de que lhe falei.

*Adelaide cumprimenta de cabeça. Licio estende-lhe a mão. Um momento.*

**Adelaide**

Vamos sentar-nos? (*Sentam-se. Um momento. A Licio:*) O senhor Padre Anselmo contou-me a sua historia, deveras interessante...

**Padre**

Um verdadeiro romance. (*Sorrisos inexpressivos. Licio baixa os olhos e Adelaide aproveita-se do seu acanhamento para examinal-o sofregamente. A Licio:*) Vamos lá, conte á senhora como me contou. (*A Adelaide:*) Ha certas coisas que só ditas por elle.

**Adelaide**, *com interesse meigo:*

Fale. Não tenha acanhamento. (*Licio levanta o olhar e sorri.*) Não ha de que ter vexame.

**Licio**, *depois de hesitar, tímido:*

Eu disse ao senhor Padre o que elles me contaram.

**Adelaide**

Quem?

**Licio**

A mulher que me criou, Nazor, um velho, e Mercedes. Roubaram-me...

**Adelaide**, *anciosa:*

E o senhor lembra-se? Lembra-se como foi?

**Padre**, *baixo, a Adelaide:*

Deixe-o falar...

**Licio**

Ás vezes parece que me lembro... mas eu era muito pequeno...

**Adelaide**

Que idade teria, mais ou menos?

**Licio**

Não sei; era muito pequeno.

**Adelaide**

Mas vamos, conte.

**Licio**

A mulher trazia-me num cortado e, quando hebia, batia-me, chamava-me «o empalamado» amaldiçoando os que me haviam apanhado á beira do rio.

**Adelaide**

E quando não bebia, era bôa?

**Licio**

Bôa! (*Baixa a cabeça e chirría um risinho sarcástico.*) Eu andava sempre escalavrado e tudo que era trabalho- pesado ella atirava para cima de mim. Uma vez, por causa de um animal que fugiu, deu-me com um ferro na cabeça que eu fiquei como morto muito tempo. Nem sei mesmo...!

**Adelaide**

Que idade tinha?

**Licio**

Era menino.

**Adelaide**

E os outros? (*Licio fica a olhar airado, sem entender a pergunta.*)

**Padre, intervindo:**

Os outros não o defendiam?

**Licio**

A mim? (*Sorriso triste.*) Eu era d'outro san-

gue. Essa gente dá mais por um animal do que por uma pessoa... Agora imagine um pobre como eu, d'outra raça... Era pior que escravo e se me queixava, então... uhm! Quantas vezes caminhei debaixo de chuva, carregando pesos, a arder em febre, com a cabeça a estalar. Ali só Mercedes...

### **Adelaide**

Quem era?

### **Licio**

Mercedes? Era uma mocinha. Bonita e bôa como ella só, com: uma voz doce, que parecia de choro, uns olhos grandes, tristes, sempre humidos. Mercedes, coitada!... essa, sim... Vivia com o velho Nazôr, que a tratava como filha. Os dois faziam dançar Jorko, o urso: Nazôr, com o pau, Mercedes, com o pandeiro, cantando. Era bôa e linda, mas muito doentinha. Se apanhava um pouco de frio punha-se logo a tossir, ficava com febre e ainda fazia mais pena porque não abria a boca para se queixar. Às vezes, estava que não podia e, assim mesmo, bailava e cantava, rindo para todo o mundo. Na barraca mettia-se num canto, encolhida, quieta, com os olhos muito grandes, parados, como se já estivessem mortos. Gostava muito de mim, vivíamos sempre juntos e, nas marchas, iam ao lado um do outro, brincando, rindo e Deus sabe, às vezes, com que tristeza no coração.

**Adelaide**

Era da sua idade?

**Licio**

Um pouco mais velha, pouco. Eu era rapazinho e ella já tinha collo. Foi Mercedes a primeira que me contou como elles me roubaram.

**Adelaide**, *vivamente interessada*:

E como foi? (*Attitude de attenção de Adelaide e do Padre.*)

**Licio**

Eu estava brincando na beira do rio, quando os ciganos desceram para apanhar água. Eram dois. Deram por mim sósinho e um delles ficou de vigia emquanto o outro me agarrou, tapou a minha boca e correu commigo. Mercedes viu tudo e dizia que a minha casa era muito grande, com um coqueiral em frente, o rio correndo perto... (*Adelaide troca um olhar com o Padre*) e um cercado cheio de bois... (*Ao padre, sorrindo:*) É só o que falta lá.

**Adelaide**

Onde?

**Padre**

Em Santa Victoria.

**Adelaide**

Mas teve... (*0 Padre faz signal para que se contenha.*)



**Licio**

Os montes eram altos, com muito arvoredos, onde as guaribas roncavam de metter medo. Mercedes dizia assim e, quando cahiu doente e que eu fui tratar delia, disse-me, agarrando as minhas mãos: «Que eu era filho de gente rica, que meus pais tinham campos, barcos no rio, uma escravatura enorme, um mundo de gado.» Eu ficava pensando, pensando... e chorava.

**Adelaide**, *commovidissima*:

Chorava ?

**Licio**

Chorava, não pela riqueza; chorava por minha mãe, por meu pai, porque, mesmo entre aquella gente, eu via o que vale a mãe para os que a têm.

**Adelaide**

E lembra-se da sua ?

**Licio**

De minha mãe? De noite, ás vezes, fico pensando e lembro-me.

**Adelaide**

Lembra-se do nome della?

**Licio**

Para mim, quando me roubaram, o nome de minha mãe era: minha mãe.

**Adelaide**

E tem certeza de que é daqui?

**Licio**

Isso tenho, porque todos me diziam. Até eu era mais conhecido por «maranhense» do que pelo meu nome, porque havia outro Licio, que era cigano.

**Adelaide**

E por onde andou todo esse tempo?

**Licio**

Eu sei! Essa gente não pára, é que nem agua de rio: hoje aqui, amanha ali barganhando, furtando — as mulheres lendo a buena-dicha, os homens trabalhando de caldeireiros, de ferreiros, concertando arreios; o velho Nazôr com o urso. Adelaide E a sua amiguinha?

**Licio**

Mercedes ?

**Adelaide**

Sim.

**Licio**

Morreu de frio nas montanhas do Sul.

**Adelaide**

De frio!?

### Licio

Frio e fome. A gente não tinha que comer. O vento arrancava as barracas do chão, a chuva molhava de doer e, á noite, era neve, neve de deixar tudo branco. Eu é porque sou duro, mas Deus sabe como me custava aquillo. Mercedes morreu de frio. Era morena e ficou branca que nem gelo. Quando a enterraram, perto dumas arvores sem folhas, eu fiquei pensando: «E se ella não morreu! Se está só gelada! Se acordar no tempo do sol, aqui sósinha, como ha de ser?» Mas o bando seguiu. (*Vendo Adelaide chorar:*) Foi assim. (*Um momento; commovido:*) A senhora chora de ouvir contar, quanto mais se visse. (*Adelaide não contem os soluços.*) Mas...

*O Padre acena a Licio para que se cale. . Um momento.*

### Adelaide

De sorte que, até hoje, o senhor só tem soffrido...?

### Licio

Tenho soffrido e hei de soffrer. A verdade é que, com o traquejo, fui-me acostumando com aquella vida e, no meio das desgraças, lá vinha um dia feliz. E a gente via terras, cidades, gente nova e caminhava de pagode, com os carros numa chiadeira alegre, cantando e dançando. Era um bando de festa. Mas eu... (*Um momento.*) O

que me fazia penar era o pensamento. As palavras de Mercedes ficaram no meu coração: «Minha mãe, meu pai, minha casa, minha terra...» Um dia fugi. Tinha um dinheirinho junto, pegaiei nelle e botei-me por esse mundo.

### **Adelaide**

De onde fugiu?

### **Licio**

De Pajehú de Flores, em Pernambuco, onde elles estavam. Vim batendo estradas sósinho, dormindo nos ranchos, nos mattos, até chegar ao Maranhão e, pergunta daqui, pergunta dali, dei com o lugar chamado Bôa Vista, onde nasci. Cheguei já de noitinha, com ventania brava e chuva que mettia medo. Quasi que não se via o caminho. Mas Deus teve pena de mim e guiou-me para a casa de seu Padre, que fez a esmola de receber-me. Conteí a minha vida e, dois dias depois, fomos a um Engenho grande...

### **Padre**

Santa Victoria.

### **Adelaide**

E então?

### **Licio**

Se não fosse a falta do cercado dos bois eu diria que tinha nascido ali; tudo mais tal qual.

Pensei tanto em Mercedes e, olhando, imaginava, a todo instante, que minha mãe ia aparecer. Foi a primeira vez na minha vida que senti o coração apertado. Quando vi o rio, então, não sei que foi... Uma saudade! Sentei-me na barranca e, olhando a água correr, parecia que tinha ficado outra vez pequenino, que estava ali perdido. E tive medo, como se visse gente no matto, ciganos cochichando, caminhando para onde eu estava. Puz-me de pé, com o coração batendo e subi á procura de seu Padre.

**Adelaide**

Lembrou-se de alguma coisa?

**Licio**

Por causa da parecença do lugar com o que dizia Mercedes, Pode ser que não seja O mesmo, pode ser, mas é tal qual.

**Adelaide**

Como se chama o senhor? Licio

Licio.

**Adelaide**

Licio... Mas...

**Padre**

Mas não se lembra de outro nome? Veja se se recorda...

**Adelaide**

Júlio...

Licio, *pensativo*:

É... (*Um momento. Repetindo, como em sonho:*)  
Júlio... Parece.

**Adelaide**

E que pretende fazer?

**Licio**

Eu? Seu Padre é que sabe. Eu queria procurar minha mãe... mas como? nem ella se lembra mais de mim. Talvez até já tenha morrido. Se eu ainda soubesse o nome delia... mas assim á tôa: Minha mãe... Minha mãe... Quem sabe lá!

**Padre**

Realmente sem uma prova, sem um signal...

**Adelaide**

Não levava alguma coisa comsigo quando foi roubado ?

**Licio**

Que coisa?

**Adelaide**

Medalhinhas, uma cruz de ouro...

**Licio**

Não sei.

**Padre**

Não se lembra, é natural. Tão pequeno...

**Adelaide**

Assim, ainda que encontre sua mãe, o senhor não lhe poderá provar...

**Licio**

Por que não?

**Adelaide**

Como ?

**Licio, ingenuamente:**

Dizendo.

**Adelaide**

Oh!... dizendo..

**Licio**

Pois como hei de fazer? (*Com calor:*) Se eu encontrar minha mãe... não sei! Mas sinto que o coração me ha de dizer logo: É esta!

**Adelaide**

E quando a encontrar?

**Licio**

Minha mãe?

**Adelaide**

Sim...

**Licio**, *commovidissimo*:

Nem eu quero pensar! (*Um momento.*)

**Padre**, *caminhando ao longo da sala para disfarçar a convulsão*:

Não desanime. Tenha fé. Deus é grande!

**Adelaide**

Seus cabellos foram sempre pretos? sempre, desde menino?

**Licio**

Não, senhora.

**Adelaide**

Louros ? (*Aceno affirmativo de Licio.*) Em cachos ?

**Licio**, *seguindo um pensamento*:

A senhora não perguntou se eu me lembrava de outro nome?

**Adelaide**

Sim: Júlio. Lembra-se?

**Licio**, *acenando afirmativamente*:

No começo, quando me chamavam Licio, eu ficava sem responder e, já rapazinho, ás vezes deitado, á noite, ou caminhando eu ouvia esse nome ao longe, muito longe! como se alguém me chamasse devagarinho no escuro ou do fundo do matto. (*Recordando:*) Júlio... Ainda hoje!



A vida que eu levava não me dava descanso. Ainda que eu houvesse guardado alguma coisa a desgraça teria varrido tudo. Eu não tinha um minuto de meu e, quando me deitava para dormir, era um somno só, de chumbo. Fui perdendo tudo, esquecendo... E olhe que um filho para chegar a esquecer sua mãe é preciso que soffra muito.

**Adelaide**, *encarada nelle*:

É.

**Licio**, *tristemente*:

Também ella não me procurou...

**Adelaide**, *d'Ímpeto*:

Não o procurou? Quem lhe disse?

**Licio**

Ninguém... Mas se ella me tivesse procurado, rica... ora! (*Adelaide fita no Padre os olhos marejados.*) Os ciganos não vão até o fim do mundo. (*Outro tom:*) Elles mesmos, por isso, faziam caçoada de mim, a velha, então, era sempre. Quando eu via alguma mulher apparecer no acampamento meu coração crescia, eu ficava abafado pensando que era minha mãe... E quando ella ia-se embora... (*Arrancadamente:*) Olhe que eu tenho sido forte...! Deus é que sabe...

*Adelaide contempla-o, um instante e, impotente para conter as lagrimas, levanta-se de golpe. Pára um momento*

*diante do Padre e, arquejando, fita-lhe no rosto um longo e interrogativo olhar.*

**Padre**, baixo, o Adelaide:

Então? Ainda tem duvidas? (*Adelaide encara-o sem poder falar.*) Que lhe disse eu? (*Adelaide dá volta e dirige-se resolutamente para o terraço, descendo a escada. O Padre levanta-se, encaminha-se para o terraço. Passando junto de Licio toca-lhe de leve no hombro:)* Um instantinho... (*Chega ao terraço, pára e, depois dum momento, desce ao jardim.*)

## SCENA XII

**Licio**, só

*Vendo-se só Licio põe-se a olhar a sala, em volta, como desconfiado. Tira um cigarro do bolso, desmancha-o, enrola-o, leva-o à boca, mas não se atreve a accendel-o. Guarda-o de novo. Bnclavinha as mãos, levanta os olhos e põe-se a assobiar baixinho uma toada melancólica. D'improviso aprwma-se e olha a fito, enlevado num pensamento.*

## SCENA XIII

LICIO e LENÔRA

**Lenôra**, na galeria da esquerda, cantarolando:

Papagaio louro Do bico dourado...

*Licio volta-se na cadeira, attento á vos. Incha-se curioso procurando ver a pessoa que canta.*

Oue é isso,- meu louro? Que é que você tem que está hoje tão jururú? (*Licio sorri.*) Dá cá o pé. (*Amuada:*) Ah! seu enjoado.

*Entra vivamente, logo retrahindo-se ao dar com os olhos em Licio, a quem faz um cerimonioso cumprimento. Licio levanta-se. Lenóra corre a vista pela sala, vai â porta do fundo, como á procura de alguém. Um momento. Dirigindo-se a Licio:*

O senhor deseja alguma coisa?

**Licio**

Estou esperando o senhor Padre.

**Lenóra**

Ah! foi o senhor que veio com elle?

**Licio**

Sim, senhora.

**Lenóra**

E onde estão?

**Licio**

Sahiram agora mesmo.

**Lenôra**

Por aqui?

**Licio**

Sim, senhora.

## SCENA XIV

Os mesmos e DAMIANA

*Damiana entra pela galeria da esquerda com uma bandeja servida de café e biscoitos. Caminha devagar, cuidadosa, os olhos no que traz. Dando por Licio pára um instante, surpreendida. Lenôra adianta-se.*

**Damiana**

Nono, minha filha, allivía esta mesa.

*Lenôra retira o vaso de flores da mesa do centro, onde Damiana descança a bandeja. As duas trocam signaes com referencia a Licio.*

**Lenôra**, baixo a Damiana:

É o moço que veiu com Padre Anselmo.

**Damiana**

Ahn! (*Outro tom:*) essa gente? (*A Licio:*) Fique á sua vontade. (*Licio senta-se.*) Mas onde andaré essa gente?

**Lenôra**

Estão no jardim.

**Damiana**

E o moço aqui sósinho. Chama seu Padre, Nono, senão o café esfria. (*Lenôra vai-se pelo fundo.*)

## SCENA XV

LICIO e DAMIANA

**Damiana**, *arranjando a bandeja:*

O senhor é de Boa Vista?

Licio

Sou sim, senhora.

**Damiana**

De que família? Desculpe perguntar.

**Licio**, *vexado:*

Não sei, não, senhora.

**Damiana**

Uhm! Uhm! Então o senhor não sabe de que família é?

**Licio**

Não, senhora.

**Damiana**

Nem o nome de sua mãe, ao menos?

**Licio**

Não sei, não, senhora.

**Damiana**, *olhando-o com desconfiança:*Emfim... (*Comsigo mesma:*) Assim só bicho...

**Licio**, *com acanhamento:*

Sahi de lá muito pequeno...

**Damiana**

Sahiu de lá?... Com quem?

**Licio**

Com os ciganos, que me roubaram.

**Damiana**, *d'impeto:*

O senhor!

**Licio**

Sim, senhora. (*Um momento.*)

**Damiana**, *como inspirada:*

Mãe do céu! (*Achegando-se de Licio, mirando-o atenta:*) O senhor?! E como foi, filho de Deus! (*Outro tom:*) Como é o seu nome?

**Licio**

Licio.

**Damiana**

Não é Júlio, não? (*Aceno negativo de Licio.*) Mas conte. Como foi?

**Licio**

Ao certo, não sei. Era muito pequeno.

**Damiana**, *curiosa:*

Mas não se lembra de nada?

**Licio**

Não, senhora.

**Damiana**, *penalisada*:

Coitado! (*Um momento.*) Mas então não sabe quem é seu pai, sua mãe...?

**Licio**

Não, senhora.

**Damiana**

E já falou a seu Padre?

**Licio**

Já.

**Damiana**

E elle que disse? (*Licio encolhe os hombros. Ella contempla-o compadecida. De repente:*) Olhe uma coisa: O senhor não se lembra de uma cafusa de nome Narcysa, muito barulhenta, que vivia rindo, cantando'? (*Aceno negativo de Licio.*) Não se lembra dum preto velho, que tocava urucungo? pai Luiz. Vivia numa palhoça, perto do rio, fazendo gaiolas. O senhor chorava com medo delle...

**Licio**

Eu?!

**Damiana**

O senhor... Eu agora... (*Triste:*) É que nós também perdemos um menino, chamado Júlio, ja

que os ciganos roubaram. (*Licio abre muito os olhos encarado em Damiana.*) Fizemos tudo para encontral-o, mas qual! Os malditos levantaram o campo e sumiram com a criança. E, até hoje, não se sabe do pobresinho.

**Licio**

Era seu filho?

**Damiana**

Meu, não; de minlrama. Mas eu criei-o ao collo, era como se fosse meu. Não viu minnama aqui? (*Gesto affirmativo de Licio.*) Pois é ella a mãe do pequeno, o Julinho...

**Licio**, repetindo, como na perseguição de um pensamento arisco:

Júlio...!

**Damiana**

Júlio, sim; era o nome d'elle. Quando meu amo morreu, um anno depois do desapiparecimento do menino, minh'ama deixou Santa Victoria. Conhece Santa Victoria?

**Licio**

O Engenho?

**Damiana**

Sim.

**Licio**

Conheço. Estive lá com seu Padre. É tal qual



o lugar onde nasci. Só falta o cercado dos bois, perto da casa.

**Damiana**, *olhando-o surpreendida*:

É... o cercado. Foi meu amo que mandou mudar o curral. Mas então o senhor lembra-se?

**Licio**

Foi Mercedes que me contou. Mas do cercado eu me lembro...

**Damiana**, *encarada nelle, docemente*:

A gente ia para lá todas as tardes, vêr os bezerrinhos. (*De repente, numa inspiração:*) Minha Nossa Senhora! Querem vêr?! (*Vai ao fundo, estonteada e torna apressadamente. Estaca diante de Licio, d'olhos fitos nelle:*) Uma coisa, moço... O senhor não tem um signal (*mostrando em si:*) aqui no beijo?

**Licio**

Signal ?

**Damiana**

Sim, de uma queda, quando era menino. Estava brincando, lá mesmo, perto do cercado, quando se espantou com um boi e cahiu de boca no chão. Os dentes furaram a carne e ficou um signal. Não tem?

**Licio**

Nunca reparei.

**Damiana**, *desemsoffrida*:

Olhe, veja ali no espelho. (*Licio encaminha-se para o espelho, Damiana, porém, toma-lhe o passo e, fazendo-o voltar-se, põe-se a examinar-lhe o labio inferior. Vai-se-lhe abrindo no rosto um sorriso largo de felicidade, enchem-se-lhe os olhos de lagrimas; entra a tremer, com um balbucio de palavras inintelligiveis cortadas de interjeições attrahe-o a si, afastado, mirando-o, remirando-o anciosa. Ouve-se a vos de Lenôra, que sobe a escada do terraço, cantarolando. Diante do imprevisto da scena a menina detem-se espantada. Damiana atira os braços aos hombros de Licio, num enternecimento mudo. De repente, com ineffavel meiguice, encarada nelle:)* Então você não se lembra de mim, meu filho? não se lembra, não? (*Num grito dalma:)* A sua Nana! Minha Mãe do céu! Quem podia esperar! Tanto tempo! (*Abraça-se com elle e rompe em choro convulso. Lenôra olha immovel, pasmada. Súbito, voltando-se para o jardim, grita nervosamente:)*

**Lenôra**

Mamai! Seu Padre! É mesmo!

## SCENA XVI

Os mesmos, ADELAIDE e PADRE ANSELMO

*Na escada do jardim, onde os espera Lenôra, surgem, quasi ao mesmo tempo, Adelaide e o Padre. Damiana, ao ver Adelaide, precipita-se com a ligeiresa que lhe permitem as pernas, lançando-se para ella de mãos postas, falando aos arrancos, como desatinada.*

**Damiana**

Lalá! minha filha... Seu Padre...! (A Adelaide:) Lembra-se daquella queda que elle deu perto do cercado? (Adelaide conserva-se immovel, como alhejada) Está ali o signal... (Ao Padre:) Como foi que o senhor deu com elle, seu Padre? Como foi?

**Lenôra**, interrogando meigamente:

É elle mesmo, mamai? (Adelaide, que se ampara ao umbral da porta, faz um ligeiro aceno affirmativo. Lenôra abraça-se com ella soluçando. Licio, de pé, immovel, olha como assombrado.)

**Adelaide**, num suspiro flébil:

Pobre! (Padre Anselmo ampara-a, conduzindo-a até uma cadeira, onde ella se deixa cahir, inerte. D'olhos em pranto fitos em Picio, murmura em halito do coração:) Coitado! (De repente, de todo vencida, estende-lhe os braços, bradando appellativamente, em voz cortada a lagrimas:) Meu filho!

**Padre**, muito *commovido*, *impellindo* , *Licio para os braços que o chamam:*

Vá! Vá! Abrace sua mãe...

**Licio**, *numa explosão:*

Minha mãe! ?

**Padre**

Sim. Vá...

*Licio olha em volta, airado. Padre Anselmo condul-o. Elle segue hirto, em passos de somnambulo. Pára diante de Adelaide, que se inclina, toma-lhe as mãos. Elle ajoelha-se e, attrahido pela ternura daquelles braços, baixa a cabeça sobre a qual se multiplicam allucinadamente os beijos maternas. Padre Anselmo aproxima Lenôra do grupo, falla ajoelhar-se. Adelaide contempla os filhos, envolve-os nos braços, chorando entre os dois lagrimas de felicidade. Damiana olha um momento o grupo attonita, e, voltando-se para o Padre, que se conserva immovel, mclina-se devoiamente, toma-lhe a mão e beija-a. Êxtase na scena.*

**PANNO**

# O INTRUSO

PEÇA EM I ACTO

representada no Trianon a 5 de Julho de 1915 e na Escola Dramatica a  
4 de Outubro do mesmo anno.

AO

**DR. ESMERALDIMO BANDEIRA**

homenagem e recordação de uma palestra  
que o seu espirito illuminou.

**COELHO NETTO**

Maio 1915.

## PESSOAS

	No Trianon	Na E. bramatica
RAYMOND .	Sr. Carlos Abreu	Sr. Vieira Cardoso
O MEDICO .	» Christiano de Sousa . . .	» Antônio Leal Pi nella
SOLANGE	Sr.a Emma de Sousa.	Sr. Emma Póla
LUCETTE. .	» Elisa Campos.	» Carmen Fernan- des
RENÉE . .	» Laura Corina. .	» Elisa Garrido
MARCELEE .	» Corina Silva . .	» Lucilia Amaral

Acção em Paris. Actualidade.

*Sala burguesa. Portas lateraes e ao fundo. Á direita, uma chaise-longue.*

### **SCENA PRIMEIRA**

*Lucette, só, ajoelhada junto á chaise-longue, brinca maternalmente com a boneca. Em voz baixa e medrosa:*

Não faças bulha que elles andam lá em cima. Se desconfiam que estamos escondidas aqui na adéga descem e fazem comnosco o que fizeram com a velha Joanna. Não viste a pequena Gudula de mãos cortadas? Queres que elles te façam o mesmo? Então? Dorme. Quietinha! *(Nina a boneca. Um momento. Apontando para o tecto. Voz surda:)* Estás ouvindo? São elles que arrombam os moveis para roubar. *(Num e-tremeção:)* Ih! Olha como as balas estouram, como as casas cahem. *(Juntando as mãos da boneca; docemente:)* Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco... *(O resto da oração esmorece em balbucio.)* Agora dorme. Quietinha...



*Cantarolando, em voz tremula:*

— Lavadeira, que procuras ?

— Agua limpa p'ra lavar. Nos rios são tão escuras E ha tanto corpo a boiar Á falta de sepulturas. Vou-me á ribeira do mar. Talvez que nas ondas puras Eu possa a roupa lavar.

*(Baixinho:)* Assim. *(Continua a ninar a boneca, mas os olhos se lhe vão enchendo de pavor e erram desvairados pela casa. Levanta-se devagarinho e, caminhando em pontas de pés, inspecciona os cantos da sala, espia ás portas. Estrepito de uma janella, á direita. Volta-se d'impeto, fica um momento estatelada. Subito, corre para a chaise-longue, toma a boneca, aperta-a ao peito e olha em volta estarrecida. Vai ao fundo, mas recua boquiaberta como diante de uma apparição e, com um grito de pavor, esconde-se nos folhos de um dos reposteiros, onde fica a tiritar, com offêgos estrangulados-')* Mam... Mam... Mam...

## SCENA II

LUCETTE e RENÉE

**Renée,** *entra pela direita espavorida, e, não vendo a criança, chamada aos gritos:*

Lucette! Lucette! *(Guia-se pelos offegos e,*

*descobrimo a pequena, tira-a a si, sacudindo-a para despertal-a:)* Lucette! (*Voz em grita:)* Lucette! Que é? Que foi? (*Lucette continua a tremer, relanceando olhares vagos.*) Que foi? Fala...

Lucette, *apontando para a direita; voz surda:*

Um tiro...

**Renée**

Onde? Tiro, onde? (*Tranquillizando-a:)* Não ha ninguém. Elles não vêm cá. Nós estamos ero Paris... Pois então<sup>1</sup>? (*Lucette levanta o olhar como procurando alguma coisa no tecto.*) É lá em cima. Que medo é este? Não vês as ruas cheias de gente? os jardins cheios de crianças? Então? Queres ir ao Luxemburgo? queres? (*Aceno negativo de Lucette.*) Porque? (*Mesmo jogo.*)

### SCENA III

As mesmas, **RAYMOND** e **SOLANGE**

*Raymond e Solange entram arrebatadamente pela esquerda. Solange abraça-se com a filha, que desata a chorar escondendo o rosto no collo materno.*

**Raymond**

Mas que foi?

**Solange**

Que foi?

**Renée**

Assustou-se á toa. Diz que ouviu um tiro ali. Foi, com certeza, a janela que bateu com o vento.

**Raymond**

Esta criança não deve ficar só.

**Renée**

Ella foge. Mal me apanha distrahida com o serviço foge, vem metter-se aqui.

**Solange**

De que tens medo, hein? Aqui não ha nada...

**Renée**

Deixe. Ella agora vai comigo. (*A Lucette:*) Vamos.

**Lucette**

Não.

**Solange**

Não queres ir com- Renée?

**Lucette**

Não.

**Raymond**

Queres ir ao jardim ?

**Solange**

Queres ?

**Lucette**

Tu vens?

**Raymond**

Agora não posso, Estou esperando o medico.

**Lucette**

Quem está doente?

**Raymond**

Tua mãe.

**Lucette**

Mamai? (*Encara Solange com um olhar desconfiado.*)

**Solange**

Vai. As tuas amiguinhas estão lá á tua espera.

**Lucette**

E se elles apparecerem?

**Solange**

Aqui...?

**Renée**

Ella fala dos zeppelins...

**Raymond**

Ora! Os zeppelins só apparecem á noite. De dia não ha perigo.

**Lucette**

Eu ouvi tiros ao longe.

**Solange**

Quando?

**Lucette**

Esta madrugada.

**Raymond**

Qual!

**Renée**

É sonho. Tem cada sonho!... Agora é só que lhe cortaram as mãos.

**Raymond**

Elles não vêm cá. Descança.

**Lucette**, *com intenção*:

É... Em Termonde dizias o mesmo.

**Raymond**

Ah! em Termonde...

**Lucette**, *torcendo as mãos*:

Ainda hontem ouvi dizer que elles estão pertinho daqui.

**Solange**

Quem disse?

**Lucette**

Um velho.

**Renée**

É um velho que passa os dias no jardim dando migas de pão aos pardaes e aos pombos.

**Raymond**

E tu, com certeza, levas a pequena para junto delle. Não é á tôa que ella anda assim nervosa.

**Renée**

Mas o velho não fala com ella, não fala com ninguém, é só com os pardaes e os pombos. A gente até ri delle.

**Lucette, amuando:**

Não quero ir ao jardim. . Está frio. Vou brincar lá dentro. (*Baixa a cabeça e vai sahindo pela direita, seguida de Renée. Os pais. acompanham-na com o olhar.*)

**SCENA IV****RAYMOND e SOLANGE**

Raymond, *passeiando pela sala, visivelmente preocupado:*

Não está direito... (*Meneia a cabeça em aceno negativo. Alto:*) Esta criança não deve ficar só...

**Solange**

Eu não posso andar atrás delia, bem sabes. Que faz Renée?

**Raymond, estacando:**

Não podes andar atrás delia...? (*Bneara-u um momento. Voltando ao passeio:*) É natural, no estado em que estás. (*Silencio incommodo.*) Emfim... são modos de vêr. Umas matam-se, como a rapariga de Malines; outras resignam-se...

**Solange, olhando-o a fito, com serenidade:**

Achas que a suicida de Malines era mais hon-

rada do que eu? (*Um momento.*) A filha de Brouet, o estafeta, envenenou-se por haver sido ultrajada por um fulano. Era um modelo de

virtudes, não? tu conheceste-a bem porque a expulsaste da fabrica. Purificou-se de todo o passado e transformou-se em heroína com uma dose de arsenico. (*Um momento.*) Quando eu te disse o que me acontecera, porque não me deste uma arma ou veneno? No desespero ein que, então, me achava, quem sabe! talvez tivesse tido coragem para matar-me. Mas não: beijaste-me chorando e nas tuas lagrimas, que me lavaram da viltá, mais do que a commiserada ternura de um esposo meigo, havia piedade. Diante de ti eu era apenas a Fragilidade que soffria; não te sentiste deshonorado, porque o martyrio não conspurca, redime. Desde, porém, que te communiquei a minha gravidez, o teu ódio explodiu. Porque? Que culpa tinha mimh'alma? A affronta ao corpo essa existiria sempre ainda que não viesse á luz. Assim, não é contra a violação, contra o ultrage que te revoltas, mas contra a natureza, que o publica, a natureza indifferente, fatal que aceita e incuba todos os germens, sejam elles quaes forem, venham de onde vierem. Então a honra é uma hypocrisia visto que só se considera impuro o acto que se sublima na maternidade. O vicio esteril, porque não se apregoa, esse pode occupar os postos da Virtude. Não comprehendo. Assim como não posso varrer da memória o horror da

injuria que soffri, também não me sinto com forças para praticar o que me impões. Que exiges de mim com o teu rancor? um crime. Falta-me coragem para commettel-o. Entrego-me nas tuas mãos. Faze de mim o que quizeres. Não devo ser chamada a depor neste caso: sou mãe. Odeio o homem que me profanou e, como o não conheço, odeio-ihe a raça; mas odiar o que está na minha carne, no meu sangue, em mimValma... não posso! Ninguém se opera a si mesmo. Não chamaste um medico? Pois aqui estou.

### **Raymond**

Muito bem. Agora eu, com as minhas razões de espoiso e de pai. Não exigi a tua morte, nem a exijo; não fiz tão pouco a injustiça de julgar-te culpada, e no beijo que te dei não puz perdão porque, se tal fizesse, macularia a tua virtude. Beije-te, como beijaria, de joelhos, uma bandeira da pátria que voltasse em farrapos do campo de batalha. Mas se não me dei por oífendido no melindre de esposo, nem por isso detesto menos o crime e, toda vez que me aproximo de ti, sinto o que sentiria se passasse por um sitio onde se houvesse commettido um assassinio ou uma infamia: o estremecimento que provoca a recordação de um horror.

### **Solange**

Repugno-te ?



**Raymond**

Não, não é repugnância, é... não sei. (*Um momento:*) O miseravel que te infamou é esse mesmo que arrasa a ferro e fogo as nossas cidades, que destroe os nossos templos, que devasta as nossas lavouras, que trucidava velhos, mulheres e crianças e que nos expulsou da Patria. Tu não foste ultrajada como uma mulher commum, não foi o teu sexo que soffreu a affromta, foi a Família, foi a Pátria. E a Bélgica, porque foi invadida, perdoa ao invasor? abre-lhe os seus lares? entrega-lhe os seus campos e as suas minas? aceita-o na communhão dos seus filhos? Não! A Bélgica debate-se em convulsões de heroismo, reage com fúria e repelle o inimigo. E tu? tu estás resignada, senão contente com a monstruosidade.

**Solange**

Eu?

**Raymond**

Tu, sim. Tu! És toda cuidados e carinhos e esperas, insoffrida, o nascimento desse que rece-berás nos braços como bemvindo, a quem darás os peitos, o teu calor, os teus beijos, a tua benção e que será, nesta casa, um filho como Lucette, que é nossa carne, nosso amor, minha filha, filha da nossa honra. E elle? esse que vem? ficará entre nós como um parasita, um intruso sem nome,

relembrando o atentado contra a família e o martyrio da Patria. Será um inimigo e uma vergonha e tu, amando-o (*convictamente:*) porque já o amas...

**Solange**

Eu!?

**Raymond**

Sim, tu! E, amando-o, amarás o que o gerou, o outro. Has de amal-o por força! (*Solange abre um sorriso de resignação. Com odio:*) Por força!

**Solange, humildemente:**

Pois sim.

**Raymond**

Foi o opprobrio, foi a brutalidade, mas numa crispação de prazer, numa rajada de volupia. Esse monstro mysterioso é o pai do teu filho, desse filho...

**Solange, em assomo de revolta:**

Raymond, se me consideras culpada con-demna-me, castiga-me, senão deixa-me, não me tortures. Oh! a piedade dos homens! Deploram as terras assoladas, as cidades em fogo, os edifícios em ruínas, o morticínio em massa e não têm pena de um coração ferido. Tu mesmo o disseste: foi o invasor que passou por mim, como vai passando, em flagello, por terras, mares e

ceus; foi a guerra, entendes? a guerra... E então?  
(*Encara-o.*)

**Raymond**

A guerra... E tu abres os braços ao inimigo?  
perdoas-lhe?...

**Solange**

Eu? (*Um momento.*) Ouve. Se eu pudesse separar a minha parte cederia a outra ao teu odio, mas um filho não se divide. Como tirar a minha carne, o meu sangue, a parte de minh'alma que ha no ser para entregar-te o que é do outro ? Como ?

**Raymond**

Como? (*Um momento.*) Lembras-te do que elles fizeram: na Flandres? Avançaram levando á frente da linha um bando de zuavos prisioneiros. Quando os alliados descobriram o estratagema covarde, levantaram um clamor de odio, mas conservaram-se immoveis, estatelados, com as armas abatidas. Foi então que um dos zuavos, tendo em maior preço a patria do que a vida, destacou-se da linha, avançou heróico, abriu a farda no peito e, sorrindo, falou para os alliados, que hesitavam. «Então, rapazes? Que esperam? Fogo!»

**Solange**

E os alliados?

Raymond

Obedeceram á ordem. (*Campainha.*)

**Solange**, serenamente:

Eu faria o mesmo se a carne da minha carne se pronunciasse. Mas o mysterio é mudo.

## SCENA V

Os mesmos e MARCELLE

*Marcelle entra pelo fundo trazendo um cartão em uma salva, que apresenta a Raymond.*

**Raymond**, depois de ler o cartão, a Marcelle:

Manda entrar. (*Marcelle sahe. A Solange:*) o medico. (*Solange suspira e encosta-se ao respaldar de uma cadeira, soffrendo. Raymond vai ao fundo, ao encontro do medico.*)

## SCENA VI

RAYMOND, SOLANGE e o MEDICO

**O medico**, apparecendo ao fundo:

Mil perdões. Só agora pude deixar o hospital !

**Raymond**

Imagino, Dr...!

**O medico**

Não ha mais um leito e continuamos a receber feridos. (*Inclina-se diante de Solange, que corresponde.*)

**Raymond**

O Dr. Berthier. Minha mulher. (*Cumprimentos. Sentam-se. Solange conserva-se cabisbaixa.*) Tem tido notícias de seu filho, Dr. ?

**O medico**

Sim. Tive, ha dias, uma carta do Iser. Ia bem. (*Com um sorriso:*) Bem... em: uma trincheira, atafalhado em neve. (*Solange levanta o olhar.*)

**Solange, emocionada:**

O Dr. tem um filho na guerra?

**O medico**

Tive dois, minha senhora. O mais moço era de Saint Cyr.

**Raymond, horrorizado:**

De Saint Cyr!?! (*Aceno affirmativo do medico. Silencio commovido.*) Em Charleroi...?

**O medico**

Em Charleroi... (*Solange cruza os braços e, inclinando a cabeça, estremece de horror. O medico fica um momento immovel, o olhar perdido. Raymond vai fechar a porta do fundo.*)

**Raymond**

Filhos...! Filhos...! A nossa, coitadinha! nem sei. As scenas de Termonde gravaram-se-lhe em terror na mente. Assistiu, não sei como, ao

fuzilamento de uma velha e não ha fazel-a esquecer esse espectaculo.

### **Solange**

Não... Agora só fala na pequena Gudula. (*Olhar interrogativo de Raymond.*) A filha da cavvoeira, a quem elles cortaram as mãos.

**Raymond**, *lembrando-se:*

Ah!

### **Solange**

Acorda aos gritos, fuge da cama, a correr, olhando espavoridamente os pulsos. O mais leve , ruido aterra-a. Nem sei...

### **O medico**

É preciso cuidado! Muito cuidado! É distrahil-a, minha senhora; evitar que se lembre, agital-a para que não pense.

### **Raymond**

A memória é um subterrâneo cheio de fantasmas, que se levantam na sombra e no silencio. É justamente por isto que não cesso de recom-mendar que não a deixem só. É preciso ator-doal-a, pôr-lhe sempre o real diante dos olhos para que não vejam o passado.

### **O medico**

Exactamente. Convém mantel-a sempre em acção para que se não concentre, forçal-a a viver

intensamente livrando-a das recordações. O homem, quando lhe falta aquillo de que carece, tira-o de si proprio. Assim, o faminto emmagrece porque se devora; o solitário tem allucinações porque imagina; o friorento encolhe-se aconchegando-se ao próprio corpo para aquecer-se. Nós temos reservas para todas as miserias physicas e moraes. A lembrança é uma dellas e jaz no subterrâneo da memória onde, infelizmente, só ha cadaveres e ruinas.

### **Solange**

E a saudade, Dr., que é como o sol da meia noite.

### **O medico**

Sol pallido sobre a neve. Diz bem, minha senhora. (*Consultando o relógio. Baixo a Raymond:*) Estou ás suas ordens.

### **Raymond**

Solange!

**Solange**, *como despertando:*

Hein?

### **Raymond**

Dize ao Dr....

### **Solange**

Eu? Pois não disseste? (*Ao medico:*) O Dr. não sabe?

**O medico**

Falamos pouco, minha senhora. Á hora em que seu marido me procurou no hospital eu estava cheio de trabalho. Sei apenas que V. Ex.<sup>a</sup> soffreu muito em...

**Raymond**

Termonde.

**O medico**

Sim, em Termonde...

**Raymond**

Fala. Conta-lhe tudo.

**Solange**, *depois de uma hesitação*:

O Sr. conhece Termonde?

**O medico**

Não, minha senhora. Nunca sahi de Paris.

**Solange**

A nossa casa fica nos arredores. Apesar da occupação da cidade viviamos relativamente tranquillos quando, uma tarde, a pretexto de um ataque de operarios a uma patrulha, começaram a bombardear o nosso districto. Meu marido sahira...

**Raymond**

Fora á fabrica. Não podia contar com aquillo.

**Solange**

Eu achava-me em casa com a pequena e uma



velha criada quando começou o horror. Foi rapido como um cataclysmo. O medo atirou-me para uma janella. Abri-a, olhei a rua. Ninguém! Uma nuvem de poeira e fumo toldava o ar e, de instante a instante, aqui, ali, explodia um obuz; outros passavam no ar latindo como uma matilha damnada. O prédio fronteiro ao nosso rebentou em chammas; outro, mais em baixo, estourou como uma mina. O nosso telhado estrallejava. Aterrada, em desvairo, tomei a criança pela mão, chamei a criada e desci com ellas á adega. Ainda não nos havíamos acomodado quando, a um estrondo horrível, comprehendi que a casa havia sido attingida em cheio. E, durante muito tempo, ouvi um como rolar de pedras, a espaços fragores retumbantes e, contínuo, ora longe, ora perto, ás vezes como que rolando nas profunde-sas da terra, o retrôo do canhoneio. Tremendo, abafando o choro da criança, contendo a velha, que tiritava encolhida a um canto, ali estive, não sei quanto tempo. A pequena queixava-se de sede e, em accessos de frenesi, quasi me suffocava abraçando-se commigo, e mordida-me. A velha resmungava com soluços estrangulados. De repente pôz-se a rezar aos gritos. Chamei-a procurando acalmal-a. Foi peor. A minha voz aterrava-a e a cada palavra minha a desgraçada respondia com um grito estridente.

**O medico, consigo:**

Que horror!

**Raymond**

Horriavel!

**Solange**

E a escuridão, a humidade, os ratos... (*Um momento.*) De repente a escada estalou, rangeu, um fio de luz rastejou nos degraus, alongou-se pelo solo negro e distingui vultos, vi luzirem metaes, ouvi tinir de ferros, vozes. A velha poz-se a ganir, a ganir aos arrepios. Os ratos precipitavam-se era debandada, atiravam-se a mim, passavam-me peto corpo, frios. Chamei baixinho a pequena, tecteei em volta — nada. Desapparece-ra. Como? Não sei. O raio de luz devassava todos os cantos. Súbito, fitou-se na velha e eu vi-a: estava encolhida, abarcando as pernas com os braços, a cabeça mettida entre os joelhos. Um grupo de sombras rodeou-a. Houve um som surdo e, logo em seguida, um grito, um bater de estrebucho, e outro grito longo, tremulo, agudis-simo, a vibração de um sof frimento intenso, grito que parecia sahir da boca de uma ferida, tanto doia! (*Estremece, sorvendo transidamewte o ar, como num arrepio de frio.*) Depois o silencio, cortado de risotas e de tinir de espadas. O raio de luz movia-se em todas as direcções. Um delles riscou um phosphoro, accendeu o cachimbo e eu vi-lhe o rosto largo, vermelho, um acatadura

de demonio, que ria. Escureceu de novo, de quando em quando, porém, um lume pulsava na treva e o raio de luz continuava a errar encolhen-do-se, esticando-se corno um tentáculo. Senti-o em cheio sobre mim. Tive um arrepio, encolhi-me contendo a respiração. Estava descoberta! Foi um falatório. Riram...

### O medico

E eram muitos?

### Solange

Não sei, Dr. O raio de luz varreu o solo em volta de mim, aproximou-se — e vi um olho em fogo que avançava a fito. Fiquei deslumbrada, com a vista escura. Fechei os olhos doridos. Então... (*Um momento.*) Então agarraram-me, um hálito alcoólico queimou-me o rosto, uma voz áspera rugiu-me á face. Debatí-me, tentei morder, gritei desesperadamente... Não sei... Não sei... (*Passa a mão pelos olhos, levanta-se impetuosa, olha em torno, desvairada. 'Deixa-se cahir na cadeira, em arranque de angustia:')* Não sei...

### O medico

E depois?

### Solange

Não sei... Voltando a mim pareceu-me que estava enterrada: faltava-me o ar, tinha no pescoço uma impressão de arrocho. Sentei-me, e,

recordando as scenas todas, puz-me a chorar. Fazia frio, um frio de tumulo e, no silencio, os ratos guinchavam, corriam estonteados. Arrastei-me tacteando, puz-me a chamar baixinho pela velha, pela pequena. Ninguém!

### **O medico**

E como conseguiu salvar-se?

### **Raymond**

Fui eu que a descobri. Regressei á casa á noite, cessado o canhoneio. Toda a minha rua era uma ruina. Entrei no que fora o meu lar e logo pensei na adega, porque desde que se dera a invasão, falando na possibilidade de sermos atacados, pensáramos sempre na adéga como re-fugkx Desci e, alumindo-me com uma mecha, puz-me a procurar, a chamar. Tropecei num corpo— era a velha, numa poça de sangue, varada a pontãos. Ella estava adiante, a um canto, estatelada. A pequena foi a ultima a apparecer, entalada entre caixotes, fria, batendo os dentes. Esteve mais de um mez muda...

### **Solange**

Se elle não tivesse tido a idéa de procurar-me na adéga eu teria morrido ali, de medo e de frio.

### **O medico**

É horrivel!

**Raymond**

E a guerra é isto...

**O medico**

Não, a guerra não é isto, isto é... Emfim... Que se ha de fazer? (*Um momento.*) Pois, minha senhora, é necessário deixar Paris immedia-tamente; os seus nervos precisam de um longo repouso e aqui vive-se num ambiente de guerra. Posto que estejamos certos da victoria, ha sempre um vago receio, sobresaltos. Volta e meia é um boato que surge, toma vulto e alastra gerando o panico. Saia quanto antes e leve a menina. Busque uma cidadêsinha do Sul, de clima suave e vida simples, e garanto que em breve estarão ambas refeitas.

**Raymond**

A pequena, Dr... a pequena irá, talvez, para Aries, onde tenho parentes; mas minha mulher...?

**O medico**

Aries, muito bem.

**Raymond**

Mas o Dr. não reparou... não vê que minha mulher... (*O medico lança a Solange, que baixa o rosto, um rapido olhar de exame.*)

**O medico**

Sim. Que tem isso ? Até convém.

**Raymond, desvairado:**

Mas, Dr.... é que é do miserável! (*Assombro do medico.*) Sim... do soldado...!

**O medico**

Como ?!

**Raymond**

É do miserável...! (*De dentes cerrados:*) E o Dr. compreende... isso não deve nascer! Não deve nascer, não é verdade?

**Solange, num grito d'alma:**

Mas que culpa tenho eu!?

**Raymond**

Ê um caso de defesa, de legitima defesa. Quem é esse intruso? de onde vem? que pretende? É um inimigo, vem da infâmia installar-se no lar de uma familia. Que fazer? aceital-o? recebê-lo? adoptal-o? Não! Repellil-o!

**O medico**

Como ?

**Raymond**

Como?! (*Solange crava no medico um olhar ancioso.*) Mas foi justamente para isto que recorri ao Dr.

**O medico**

Para que?

**Raymond**

Isso não pode nascer... e só o Dr.

**O medico, tranquillamente:**

Engana-se: eu não mato.

**Raymond**

Como ?

**O medico**

Sou medico.

**Raymond**

E então?

**O medico**

Defendo a vida contra a morte.

**Raymond, desnordeado:**

Mas aqui não se trata de vida...

**O medico, sereno:**

Como não? (*Solange levanta-se em menção de sahir.*)

**Raymond**

Onde vais?

**Solange**

Lucette está chorando.

**Raymond**

Não é nada, fica. Preciso de ti. (*Ao medico:*)  
Mas então...?

**O medico**

O senhor devia ter procurado um juiz e não um medico. Eu não condemno. Se ha um crime nada tenho a fazer aqui. Posso reproval-o, punil-o, não.

**Raymond**

Mas então acha que devo receber sob o meu nome o filho do soldado, a viltá da infamia lançada á minha honra?

**O medico**

É uma vida, deixe que se manifeste e repul-se-a. Pôde recusar-lhe o seu nome, a sua assistencia, mas não a pode privar do que lhe dá a Lei natural: o direito de existir. O meu dever de medico é salvar a vida, defendel-a até, sendo preciso, com o sacrificio da minha...

**Raymond**

Assim, se o destacarem para a linha de fogo, o Dr. deixará o caminho franco ao inimigo por coherencia com os seus principios de philanthropia... ?

**O medico**

Na linha de fogo eu seria um soldado, defensor de uma vida pela qual se batem os nossos irmãos: a vida da Patria. E lá estão sacerdotes matando e morrendo como os antigos templarios. Se eu houvesse sido chamado para a sua senhora



e a encontrasse em risco de morte não hesitaria em sacrificar o feto para salvá-la e, assim, lutaria ainda pela vida preferindo a mais útil; mas neste caso, não. Compreendo o seu desespero, o seu odio, mas não me presto a vingá-lo. Não sou carrasco.

**Raymond**, *com intenção*:

O Dr. é frances ?

**O medico**

De Paris. E já lhe disse que mandei dois filhos para a guerra e, apesar da minha idade, se fosse chamado ás armas partiria contente.

**Raymond**

E, todavia, defende o filho do inimigo.

**O medico**

Aqui não ha inimigo. (*Um momento.*) Dado que o senhor fosse juiz e tivesse de pronunciar-se em um crime de assassinato a quem condemnaria: o assassino ou a morte ?

**Raymond**

A morte...! Condemnar a morte...? O Dr. faz espirito...

**O medico**

Não ha tal. Tiro o argumento das suas proprias palavras. Pois o senhor não está condemnando a vida? Tão responsavel é a morte, que

leva, como a vida, que traz. (*Um momento.*) Servi na «Cruz Vermelha» e tratei innumerados soldados inimigos recolhidos no campo de batalha. Nas salas do hospital elles sentiam-se tão a salvo como os supplicantes antigos quando se asylavam nos templos. Eu cumpria o dever que a Humanidade exigia de minha honra. A piedade tem também os seus heroismos. Quem assim pensa não arrancará dum seio de mãe uma innocencia para entregal-a ao odio.

*Grito hysterico de Lucette á direita. Solange levanta-se sobresaltada. Raymond precipita-se para a porta da direita.*

**Raymond**

Que é, Renée?

**Renée, no interior:**

É a menina.

**Solange**

Que tem ella?

**Lucette, no interior:**

Mamã! Mamã! (*Solange entra á direita, affiicta.*)

## SCENA VII

RAYMOND e o MEDICO

**Raymond**

É a pequena. Volta e meia é isto.

O medico, *tira do bolso um block, escreve uma receita, e passa-a a Raymond:*

Um calmante. Mas o melhor é sahir com ella para o campo, deixal-a solta, em liberdade, ao sol. Paris não lhe convém. E este estado pôde aggravar-se. (*Põe-se a calçar as luvas.*)

**Raymond**

Então... decididamente o Dr. não attende ao meu pedido...? (*Aceno negativo do medico.*) Mas...

**O medico**

Que diz sua senhora? Pensará ella como o senhor ?

**Raymond**

Naturalmente.

**O medico**, *meneando com a cabeça negativamente:*

Não. Não a perdi de vista enquanto conversamos. E nem podia pensar de outro modo: é mãe. A maternidade não é um privilegio humano, é a ordem natural, um principio e não uma convenção, como a honra. O senhor encara apenas o atentado; ella está sob o prestigio da crea-

ção. Se eu, desprezando escrúpulos, lhe arrancasse o filho das entranhas, parecer-lhe-ia mais monstruoso do que o bruto que a violou nas trevas. Elle, ao menos, transmittiu-lhe uma vida, que ella sente ligada á sua e que eu lhe arrebatava;

### **Raymond**

Acha o Dr. então que minha mulher deve resignar-se ao ultrage, aceitando como legitimo o bastardo da infamia?

### **O medico**

Eu não disse tal. Affirmo apenas que sua senhora, sendo mãe, não consentirá que se lhe transforme o .seio, onde pulsa a vida, em ara de sacrificio. Lembro-lhe a sentença de Salomão, antiga, mas sempre nova. O senhor assistiria indifferente ao golpe; ella, não...!

### **Raymond**

Com tal doutrina o Dr. justifica o adulterio e as suas consequencias...

### **O medico**

O adulterio é um caso moral, um caso de consciencia. A adúltera deprava-se porque é connivente no crime, caminhando para elle de olhos abertos. No caso presente, não! Sua senhora cahiu sob a brutalidade torpe como teria cahido sob um punhal. É uma victima. O senhor não a accusaria de fraqueza se ella lhe tornasse ao

braços alanceada ou com o seio retalhado: teria piedade do seu sofrimento e pensaria carinhosamente as suas feridas. E porque a tortura no martyrio da maternidade? Que culpa tem ella de não haver acabado ás mãos do seu algoz como a velha que elles atassalharam na adéga, ou coma a outra, fuzilada na rua?

### **Raymond**

E acha que me devo conformar com a situação que vai crear esse adventicio? Como o receberei? Como o receberá o mundo? Que collocação lhe hei de eu dar ua familia? ao lado de minha filha?

### **O medico**

A sua consciencia resolverá.

### **Raymond**

Aceitando esse intruso, ou melhor: adoptando-o, perdoarei o crime do miserável e exporei a nodoa da minha honra aos olhos de todos. Acredita o Dr. que a sociedade se compadeça do meu infortunio e dê resgate ao ultrage de que foi victima minha mulher? Não! A sociedade é cruel! ha de rir-se e o filho do soldado será sempre o meu opprobrio, o opprobrio de todos nós, até da criança, de minha filha, que andarás com elle, ligada pela carne materna, mas detestando-o eas gottas do meu sangue. O Dr. insiste em

appellar para as leis da natureza, e são ellas que nos governam? é aos impulsos árdegos que obedecemos? não. A Lei divina, ou natural, como queira, será uma força propulsora, mas corrigida e regulada pelo Homem que vive na Humanidade, como typo social, e não na natureza, ao léo<sup>1</sup> do instineto. A honra é também um principio regulador da vida da Família. Sem ella que seria o lar? um arraial onde todos poderiam armar as suas tendas, á maneira dos nômaes. (*Um momento.*) E diga-me: e se, em vez de uma senhora casada, a victima fosse uma virgem, como decidiria o senhor?

**O medico**

Exactamente como decidi no seu caso. Não me preocupo com o estado da mulher, senão com a vida de que ella é depositaria.

**Raymond**

E faria a desgraça de uma donzella...

**O medico**

Como?

**Raymond**

Incompatibilizando-a com o casamento.

**O medico, em tom ironico:**

Ah! comprehendo... (*Grave:*) Eu deria ma-

tar o infante para que desaparecesse o empecilho, podendo assim a mulher mentir a um homem, com a minha cumplicidade. É uma das muitas interpretações da honra, não ha duvida... (*Toma o chapéu.*)

**Raymond**

Perdão, Dr.

**O medico**, *encarando-o:*

Sua senhora não lhe confessou a violencia que soffrera?

**Raymond**

Sim, ainda na adéga. Foi o que primeiro me disse.

**O medico**

E o senhor?

**Raymond**, *com uma colera surda:*

Se houvesse encontrado o miseravel tel-o-ia estrangulado.

**O medico**

E a ella?

**Raymond**, *com pena:*

Coitada!

**O medico**

Coitada! diz bem. E se o era naquelle momento muito mais o é agua. (*Um momento.*)

A Lei chegou a levantar a espada contra os espúrios da guerra e retrahiu-se diante da Piedade. (*Sereno, como inspirado:*) Espere a victoria e no dia em que reviçar a oliveira resolva tranquillamente, sem odio. Nós, os latinos, devemos oppor contrastes de misericordia a todas as crueldades do inimigo. A França adoptará os espúrios e a Caridade os creará como a loba do Aventino creou os dois irmãos, filhos da vestal e de Marte, e é possível que elles venham a vingar, mais tarde, o ultrage de que nasceram. Como será o dia de amanha? Como viverá o Homem? Esta guerra vai modificar profundamente a cons-trucção social. Que especie de seara rebentará no sulco das trincheiras? Esperemos que se dissipe o fumo das batalhas e que appareça a Paz com a Lei do Futuro. Não nos precipitemos. A Bondade é a força olympica do Homem, é o vestigio que lhe ficou da sua origem divina. E por ella, só por ella poderá elle regressar ao Paraizo. (*Toque de marcha, em corneta, á distancia.*)



**SCENA VIII**

Os mesmos, MARCELLE e RENÉE

*Marcelle irrompe da direita numa investida assombrada, chega até o meio da scena, tonta, dando, porém, com o medico, detem-se e toma, a correr, para a direita encontrando-se com Renée, que surge do mesmo ponto desalinhada e espavorida, com um vidro na mão.*

**Lucette**, á direita, chamando afflictamente:

Mamã! Mamã!

**Raymond**, voltando-se sobresaltado:

Que é? (*Marcelle queda á porta da direita, estatelada. A corneta sôa mais perto.*)

**Renée**, mostrando o vidro:

A senhora...

**Raymond**

Mas que foi? (*Comprehendendo, num grito de horror:*) Como?

**Lucette**, á direita, dcsesperadamente:

Mamai! Minha mãisinha!

*A cometa vibra como passando diante da casa. Raymond precipita-se para a direita. Marcelle e Renée acompanham-no, O medico fica em expectativa attenta. Um momento. Ouve-se chorar.*

**Renée**, reaparecendo, á direita:

Senhor Dr.... o patrão está chamando...

*Entra. O medico deixa o chapéu sobre o fogão e põe-se a descalçar nervosamente as luvas.*

**Raymond**, *aparecendo á direita, demudado; em vos estrangulada:*

Acuda-me, Dr. (*A corneta sôa á distancia até cahir o panno.*)

**O medico**

Mas que foi?

**Raymond**, *succumbido:*

Não tendo animo de o matar...

**O medico**, *interrotpendo-o vivamente:*

Matou-se...!/? (*Gesto desesperado de Raymond. Revoltado:*) O crime não resgata. Um violentou-a no corpo, outro violentou-a nalma... Não sei dos dois... (*Arroja-se para a direita indignado, Raymond acompanha-o abatido.*)

**Renée**, *á direita, afflictivamente:*

Patrão!

**Lucette**, *num grito lancinante:*

Mamãi!